

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

FABÍOLA STEIN

**PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS DE APRENDIZAGEM EM UMA ESCOLA
PÚBLICA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE**

Porto Alegre

2014

FABÍOLA STEIN

**PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS DE APRENDIZAGEM EM UMA ESCOLA
PÚBLICA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE**

Monografia apresentada para conclusão do curso
de Licenciatura em Letras no Instituto de Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Pedro de Moraes Garcez

Porto Alegre

2014

AGRADECIMENTOS

Aproveito esta oportunidade, em que encerro minha formação inicial como professora, para agradecer a todos que foram importantes para que eu realizasse o meu próprio projeto de aprendizagem.

Sou profundamente grata a todas as oportunidades de formação que tive como aluna da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Hoje, sou professora porque, além das disciplinas do currículo de Letras, pude participar da Iniciação Científica, do Programa de Português para Estrangeiros e dos programas de mobilidade acadêmica para a Universidad Autónoma de Madrid e para a Universidad Nacional de Córdoba. Espero um dia poder retribuir à educação pública todo investimento e confiança.

Agradeço, em primeiro lugar, ao professor que, desde meu primeiro semestre de graduação, esteve comprometido com a minha formação: meu brilhante orientador, Pedro Garcez. Obrigada por cada momento de construção de conhecimentos. Sou uma pesquisadora, professora e cidadã melhor porque tive o privilégio de contar com a tua participação durante todos os momentos da minha graduação.

No Grupo de Pesquisa ISE, estudamos a construção conjunta de conhecimentos e foi isso o que mais vivi durante minha participação no grupo. Não posso nem começar a citar os momentos de aprendizagem que tive com todos os seus integrantes, porque são inúmeros e muito significativos para minha formação como pesquisadora. Agradeço a todos os colegas pesquisadores, em especial: à Andréia Kanitz, minha primeira companheira de pesquisa, com quem aprendi muito sobre comprometimento com o trabalho e companheirismo, obrigada pela amizade, paciência e carinho; à Ingrid Frank, com quem sempre pude compartilhar da empolgação e paixão pela pesquisa e contar nos momentos de resolução de problemas, obrigada pelo tempo dedicado a trabalhar conjuntamente, pelas risadas e sonhos compartilhados; à Paola Salimen, que teve papel fundamental na minha formação como professora e na minha “vida noturna”, obrigada pela motivação e amizade; à Marcela Lopes, com quem espero trabalhar conjuntamente pelo ensino de Espanhol, obrigada pelas conversas e pelo apoio. Além desse quarteto maravilhoso de pesquisadoras, pude aprender muito com os grandes pesquisadores Alexandre Almeida, Catílcia Lange, Gabriela Bulla, Laura Knijnik, Letícia Loder, Lia Schulz e Melissa Fortes. Obrigada por tudo, ISE.

Durante minha formação em Letras, conheci professores maravilhosos. Agradeço, em especial, às professoras Margarete Schlatter e Luciene Juliano Simões. Marga, obrigada por me dar a minha primeira oportunidade de entrar em sala de aula como professora. O

PPE foi o melhor lugar que eu poderia encontrar para iniciar minha carreira docente, pois contava com a tua coordenação. Luciene, obrigada pelo exemplo de professora e pesquisadora. Não tenho lugar aqui para contar tudo o que aprendi com vocês, só posso agradecer de coração.

No Programa de Português para Estrangeiros, fui colega de professores fantásticos. Agradeço, em especial, às colegas Cris, Dilli, Ingrid, Bruna, Tess e Nancy. Obrigada por toda a aprendizagem e pelo companheirismo.

No CNA Bom Fim, encontrei um lugar maravilhoso para trabalhar como professora e colegas professores com quem aprendi muito. Bibi, Déia, Edu, Gui, Pati Z, Pati G, Jane, Bruna, Paula e Gustavo, obrigada por tudo!

Agradeço aos meus amigos que me apoiaram e me fizeram feliz! Ângelo, Ana Letícia, Amanda, Elene, Fabi, Flach, Lucas, Marília e Tanira, obrigada pela amizade e por aguentar minha empolgação, escutando, nem sempre com paciência, sobre minhas pesquisas e até contribuindo com a geração de dados. Leti, Marília, Nick e Sasa, “lindas”, obrigada pelo carinho, amizade e festas! Bruno, Fernando, Gabi, Gisele e Lucas, obrigada por viver comigo uma das experiências mais lindas que tive até hoje, o intercâmbio para Madrid, não poderia haver melhor companhia! Luqui, obrigada por sentar do meu lado e me ajudar a escrever este trabalho, obrigada por ser um amigo que me faz uma pessoa melhor. Flor, Gasti y KQ, gracias por la amistad, alegría y aprendizaje, los quiero mucho! Gasti y Emi, gracias por recibirme en su casa y darme tanto amor y alegría! Zé y Lauras, gracias por la amistad y por hacer con que mis estudios en la UNC fueran aún más productivos.

Finalmente, agradeço à minha família. Pai e mãe, sinto que todo sucesso e alegria que tive em minha vida aconteceram por causa de vocês. A preocupação com a minha educação sempre foi acompanhada de uma preocupação pelo meu conforto e alegria. Obrigada por isso, obrigada por tudo. Com vocês aprendi que devo ser uma pessoa justa, ética, trabalhadora e dedicada. Vocês me ensinaram tudo que podiam para que eu fosse essa pessoa, estou dando o melhor de mim para não decepcioná-los. Obrigada por sempre me apoiarem e acreditarem em mim. Carol e Jaque, entre tantas coisas que sou, há uma que me faz mais feliz: sou a irmã do meio. Obrigada por serem as melhores irmãs e amigas do mundo e por estarem sempre comigo.

Por fim, agradeço a toda comunidade escolar da Escola Francisco Sérgio, em que realizei a pesquisa que apresento neste trabalho. Com vocês, aprendi muito sobre educação. Não poderia haver melhor maneira de encerrar minha formação inicial como professora que conhecendo o trabalho de vocês. Obrigada!

RESUMO

Este é um trabalho de cunho etnográfico, orientado pela perspectiva interpretativa, que busca compreender como projetos de aprendizagem são concebidos e executados como uma proposta educacional em uma escola pública municipal de Porto Alegre. Ao longo de nove semanas foi realizada a observação participante de diversos eventos na escola, principalmente aulas de Língua Portuguesa e reuniões pedagógicas, além de entrevistas, registros fotográficos e coleta de documentos. Privilegiando a perspectiva dos participantes e os significados locais de suas ações, se acompanhou a turma C34 no desenvolvimento de um projeto intitulado “Ditadura: acabou?”. O foco sobre a participação no projeto de aprendizagem foi delimitado, entendendo “participação” como um conceito analítico, como "fazer parte de algo” ao agir em uma interação social, olhando para como os participantes estão ativamente envolvidos no processo de construção do contexto (Goodwin, 1999). Também, parte-se da compreensão de que participação e aprendizagem não podem ser vistos um sem o outro (Schulz, 2007), pois a construção de conhecimentos se caracteriza por trabalho interacional intenso e engajamento público de vários participantes na fala-em-interação (Garcez, Frank & Kanitz, 2012). Com a apresentação de notas de diário de campo, vinhetas narrativas, trechos de entrevistas e textos produzidos pelos participantes, é possível analisar a participação para a construção do planejamento didático; a participação para a construção de conhecimentos em sala de aula; e a participação em esferas públicas sociais para ampliar as oportunidades de aprendizagem. A análise evidencia que o planejamento didático do projeto “Ditadura: acabou?” contou com a participação de toda a comunidade escolar, foi um trabalho coletivo e continuamente construído. Também, é demonstrado que participar de um projeto de aprendizagem envolve construir conhecimentos significativos para alcançar objetivos compartilhados de aprendizagem e que as sequências de atividades realizadas em sala de aula é em parte movida pelas oportunidades de participação em esferas públicas.

Palavras-chave: Projetos de aprendizagem. Participação. Escola pública.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 O QUE É PARTICIPAR EM PROJETOS DE APRENDIZAGEM?	9
1.2 PROJETOS DE APRENDIZAGEM COMO PROPOSTA EDUCACIONAL	11
1.3 O CENÁRIO INVESTIGADO: A ESCOLA FRANCISCO SÉRGIO, A PROFESSORA CLARA E A TURMA C34.....	12
2. METODOLOGIA E GERAÇÃO DE DADOS	15
3. PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS DE APRENDIZAGEM EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE	17
3.1 PARTICIPAÇÃO NO PLANEJAMENTO DIDÁTICO COLETIVO: “É ASSIM QUE A GENTE FAZ OS PROJETOS AQUI”	17
3.1.1 O surgimento do projeto de aprendizagem “Ditadura: acabou?” e a construção de um quadro de planejamento	18
3.1.2 Planejamento didático produzido e negociado em momentos formais e informais para construção do projeto de aprendizagem.....	25
3.1.3 Propostas de planejamento emergentes em atividades de sala de aula ou de avaliação...28	
3.2 PARTICIPANDO DE UM PROJETO DE APRENDIZAGEM PARA CONSTRUÇÃO CONJUNTA DE CONHECIMENTOS EM SALA DE AULA	30
3.3 PARTICIPAÇÃO EM ESFERAS PÚBLICAS PROMOVIDA POR PROJETOS DE APRENDIZAGEM: O CONHECIMENTO ESTÁ NO MUNDO.....	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE É PARTICIPAR EM PROJETOS DE APRENDIZAGEM?	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
APÊNDICE	47
APÊNDICE A – Quadro sinótico da geração de dados	47
APÊNDICE B – Roteiro da entrevista semiestruturada.....	49
APÊNDICE C – Modelos de carta de apresentação e termo de consentimento utilizados	50
APÊNDICE D – Registros fotográficos da sala ambiente da exposição “Ditadura: acabou?”	52
APÊNDICE E – Reescritas da canção “Cálice” de Chico Buarque na exposição “Ditadura? acabou?”	53
ANEXOS	54
ANEXO A - Folha distribuída em reunião pedagógica de 03/04/2014.	54
ANEXO B – Quadro de planejamento das turmas C33 e C34.....	55
ANEXO C – Poema de “Bailei na curva”	56
ANEXO D – Roteiro elaborada pela professora Clara para reescrita de relatório sobre o projeto “Ditadura: acabou?”	57

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> Princípios da Escola Francisco Sérgio (FS) - recorte de folha distribuída durante reunião pedagógica - 03/04/2014 (para o documento completo, ver Anexo A).....	12
<i>Figura 2.</i> Ciclos de formação (Persch et al., 2006, p. 14)	13
<i>Figura 3.</i> Horário da turma C34 – 02/04/2014	14
<i>Figura 4.</i> Quadro do projeto elaborado pela turma C34 – folha entregue na aula de Língua Portuguesa - 10/04/2014	20
<i>Figura 5.</i> Painel de projetos da Francisco Sérgio – 17/04/2014.....	22
<i>Figura 6.</i> Projeto da turma C34 no painel de projetos – 17/04/2014	22
<i>Figura 7.</i> Painel de projetos - 08/04/2014	23
<i>Figura 8.</i> Cartaz das turmas C33 e C34 no painel de projetos - 08/04/2014.....	23
<i>Figura 9.</i> Atividade proposta por Clara na aula de Português - 08/05/2014	26
<i>Figura 10.</i> Quadro de avaliação preenchido por grupo de alunos no pré-conselho e apresentado no conselho de classe participativo - 27/05/2014	29
<i>Figura 11.</i> Linha do tempo 1: série de aulas observadas.....	31
<i>Figura 12.</i> Linha do tempo 2: detalhamento da aula de 08/04/2014.....	32
<i>Figura 13.</i> Linha do tempo: Participação em esferas públicas e atividades emergentes.....	38

1. INTRODUÇÃO

Em minha formação inicial como professora, foram apresentadas propostas de ensino que, em geral, eram discutidas a partir de textos teóricos e planos curriculares. Muitas vezes, devido à minha própria experiência escolar, era difícil entender como propostas de ensino não tradicional se realizariam em uma sala de aula. Acredito que essa seja uma dificuldade para muitos professores. Por isso, a proposta inicial para esta monografia foi fazer um estudo exploratório e de cunho etnográfico em uma escola com um trabalho “diferente”, não tradicional e orientado por projetos de aprendizagem.

Meu interesse por investigar um contexto que trabalhasse em especial com projetos de aprendizagem se deve à minha identificação, como professora, com a proposta. Durante a graduação, conheci o trabalho com projetos quando participei do Programa de Português para Estrangeiros, sob coordenação da Prof.^a Margarete Schlatter, e também quando realizei o estágio de docência em Língua Portuguesa com a Prof.^a Luciene Juliano Simões. Minha formação contou, portanto, com os autores dos Referencias Curriculares do Rio Grande do Sul de 2009 e das publicações de Língua Portuguesa e Língua Inglesa da série Entre Nós, Simões et al. (2012) e Schlatter e Garcez (2012), todos textos de referência quando se trata de uma proposta educacional de trabalho com projetos.

Mesmo com uma compreensão prévia do que venha a ser o trabalho com projetos, realizei um estudo interpretativo, uma pesquisa etnográfica, buscando compreender como os projetos de aprendizagem eram concebidos e executados em uma escola, privilegiando a perspectiva dos participantes e os significados locais de suas ações. Assim, as perguntas de pesquisa que dirigem meu trabalho são:

1. *A escola manifesta trabalhar com projetos de aprendizagem?*
 - a. *O trabalho com projetos é uma orientação proposta pela escola ou é uma perspectiva adotada por alguns professores de maneira independente?*
 - b. *Quais são os entendimentos sobre o que são “projetos de aprendizagem”?*
 - c. *Há planejamento para a realização de projetos?*
2. *Nas aulas de Língua Portuguesa ou Língua Adicional:*
 - a. *O que os participantes realizam como projeto de aprendizagem no que pode ser observado na prática de sala de aula?*
 - b. *As atividades em sala de aula se relacionam ao planejamento e objetivos de ensino do projeto?*

O cenário escolhido para realização da pesquisa foi uma escola pública da rede municipal de Porto Alegre que aqui chamo de Escola Francisco Sérgio¹. Nessa escola, o orientador deste trabalho já havia realizado pesquisa em conjunto com outros integrantes do Grupo de Pesquisa Interação Social e Etnografia (ISE) durante o período de 2001 a 2008. No âmbito do projeto de pesquisa “Interação Social e Etnografia do Projeto Político Pedagógico da Escola Pública Cidadã”, foram desenvolvidos trabalhos de conclusão de curso, mestrado e doutorado. Os temas explorados por esses pesquisadores foram, entre outros, a tomada de turno pelo aluno na construção da participação em sala de aula, (Schulz, 2004); a construção da participação em sala de aula e nos conselhos participativos na escola (Schulz, 2007); a tomada de turnos e o controle social em salas de aula de séries iniciais (Melo, 2006); estruturas de participação e construção conjunta de conhecimento na fala-em-interação de sala de aula de língua estrangeira (Conceição, 2008); e a construção de masculinidades na fala-em-interação em cenários escolares (Almeida, 2009)². Com base na leitura desses relatórios de pesquisa, já tinha notícia de que havia trabalho com projetos de aprendizagem na Escola Francisco Sérgio.

Como desenvolverei mais detidamente em seguida, meu estudo, inicialmente exploratório, tomou como rumo a investigação da participação em projetos de aprendizagem. Assim, inicio este relatório com uma introdução que coloca a pergunta: “O que é participar em projetos de aprendizagem”. A seguir, apresento brevemente as propostas de trabalho com projetos de aprendizagem e situo o cenário investigado. Em seguida, no capítulo 2, apresento a metodologia interpretativa que orientou o trabalho de campo e as análises deste estudo. No capítulo 3, apresento dados e análises. Finalizo com o capítulo de considerações finais, retomando as perguntas de pesquisa e tecendo minhas conclusões.

1.1 O QUE É PARTICIPAR EM PROJETOS DE APRENDIZAGEM?

Participação e aprendizagem (...) um processo não pode ser visto sem o outro, ou seja, que aprender é participar assim como participar é aprender. (Schulz, 2007, p. 45).

A pergunta “o que é participar em projetos de aprendizagem” surgiu no desenvolver de minha pesquisa de campo na escola. Como ficará evidente com as análises do capítulo

¹ A opção por esse pseudônimo foi feita em trabalhos anteriores de pesquisa realizada na mesma escola por outros pesquisadores, como Reis (2008). Decidi seguir com o mesmo pseudônimo.

² Garcez (2006; 2012), Garcez e Melo (2007) e Garcez e Schulz (em preparação), entre outros, também relatam esse trabalho de pesquisa. Garcez e Schulz (em preparação), em especial, contam um pouco sobre a trajetória de pesquisa na Francisco Sérgio quando discutem a etnografia como escolha teórico-metodológica para a pesquisa em Linguística Aplicada.

3, participar é central nas atividades vividas cotidianamente na Francisco Sérgio. Também, é necessário esclarecer que “participação” funciona como um conceito analítico neste trabalho: se “a análise da participação em atividades torna possível ver os atores não simplesmente encaixados no contexto, mas como ativamente envolvidos no processo de construção do contexto” (Goodwin, 1999, p. 178)³, participar é entendido como “fazer parte de algo” ao agir em uma interação social.

Com efeito, conforme Schulz (2007),

participação é algo cotidiano que fazemos (uma ação) com a ajuda do outro (social), conversando (por meio do uso da linguagem), em cada oportunidade em que temos a palavra (em cada turno de fala) e em cada momento em que lidamos com o que é dito (com olhares e gestos). (p. 15)

Olhando para participação, portanto, é possível alcançar os objetivos deste trabalho: entender como um projeto de aprendizagem é entendido e realizado pelos participantes em uma escola. Por isso, analiso na seção 3 a participação para a construção do planejamento didático; a participação para a construção de conhecimento em sala de aula; e a participação em esferas públicas sociais para ampliar as oportunidades de aprendizagem.

Perguntar “o que é participar em projetos de aprendizagem” também é trazer para o foco o que é aprender em sala de aula. Garcez, Frank e Kanitz (2012) sistematizam o conceito de construção conjunta de conhecimento a partir de vários estudos do Grupo ISE e concluem: “construir conhecimento conjuntamente se caracteriza por trabalho interacional intenso e evidente engajamento público de vários participantes da fala-em-interação de sala de aula” (p. 219). Sigo Abeledo (2008) no seu entendimento de aprendizagem:

(a) como uma **realização pública, intersubjetiva, emergente e contingente**, produzida para os fins práticos **das atividades desenvolvidas em cada interação**; (b) **observável** nos métodos que constituem o trabalho dos participantes para produzir essa realização, que não são generalizáveis, mas adequados a um contexto e a identidades que eles reflexivamente instauram - institucionais ou não -, e a **objetos de aprendizagem que eles definem e tornam relevantes**; e (c) que produz **relações de participação e pertencimento**, já que implica a produção pública e intersubjetiva de competência para participar em atividades levadas a cabo em uma comunidade. (Abeledo, 2008, p. 162)

A dissertação de mestrado Schulz (2007) investiga as estruturas de participação encontradas na fala-em-interação de sala de aula e a participação no conselho de classe na Escola Francisco Sérgio. Esse trabalho é fundamental para a compreensão da realização do plano político-pedagógico no cotidiano da escola. O estudo que empreendo aqui vem a agregar uma compreensão sobre a proposta educacional de trabalho com projetos.

³ Minha tradução de “the analysis of participation within activities makes it possible to view actors as not simply embedded within context, but as actively involved in the process of building context”.

1.2 PROJETOS DE APRENDIZAGEM COMO PROPOSTA EDUCACIONAL

São diversos os estudos que propõem o trabalho com projetos de aprendizagem. Barbosa (2004), por exemplo, compreende que projetos de aprendizagem envolvem um plano de trabalho com características e possibilidades de concretização. Na mesma linha, Schlatter e Garcez (2009) defendem que

a partir de uma questão, um problema ou ainda uma proposta de ação de autoria individual ou coletiva, os participantes podem criar um modo próprio para a busca de soluções possíveis, alternando autonomia e dependência do grupo, trabalho individual e cooperação com a ajuda de participantes mais experientes. (p. 139).

As temáticas dos projetos precisam ser relevantes também para a formação pessoal e cidadã do aluno, e podem se relacionar, por exemplo, a temas como meio ambiente e identidade (Simões et al, 2012).

Em relação à aprendizagem em projetos, Schlatter e Garcez (2012) entendem que “para que a aprendizagem possa ocorrer, é necessário que sejam criadas condições para que os participantes se alinhem e se orientem para objetivos coordenados” (p. 53). O produto final de um projeto precisa ser visto como um objetivo compartilhado por todos, assim como a aprendizagem de recursos linguísticos e expressivos necessários para a realização desse produto. A participação do aluno é colocada como central no trabalho de sala de aula, com o pressuposto de que “para construir, juntos, uma comunidade colaborativa de aprendizagem, é necessário participar para aprender, e participar de maneiras variadas que sejam relevantes para a construção de conhecimentos” (p. 53). Assim, os projetos sempre envolvem:

- uma produção final com objetivo de usar a língua e os conhecimentos aprendidos com propósitos e interlocutores definidos e coerentes com o tema em discussão;
- publicação e avaliação a partir da recepção pelos interlocutores a quem foram dirigidos. (Schlatter & Garcez, 2012, p. 90)

Hernández e Ventura (1998) definem que a função do projeto é a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a:

- 1) o tratamento das informações e, 2) a relação entre diferentes conteúdos em torno dos problemas e hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio (p. 61)

Com projetos de aprendizagem, se faz uma escola e sala de aula muito diferentes do tradicional. Não obstante, entendo que diferentes comunidades escolares podem “fazer projetos” de maneiras diversas. Por isso, meu objetivo ao trazer algumas ideias de autores que propõem o trabalho com projetos foi o de informar o leitor que não conhece essa proposta educacional. Neste estudo, pretendo mostrar como os participantes participam em

projetos de aprendizagem na Escola Francisco Sérgio para, conforme as minhas perguntas de pesquisa, investigar o que esses participantes entendem e fazem como projetos⁴.

1.3 O CENÁRIO INVESTIGADO: A ESCOLA FRANCISCO SÉRGIO, A PROFESSORA CLARA E A TURMA C34⁵

A Escola Francisco Sérgio tem uma história de forte engajamento social e político com a comunidade na qual está inserida (Moll, 2000; Persch et al., 2006).⁶ Desse engajamento do corpo docente com a comunidade, resulta o projeto político-pedagógico da escola, fruto do trabalho conjunto entre professores, funcionários, alunos e comunidade escolar. A Francisco Sérgio tem sempre em vista a ideia de fazer “uma escola para todos, uma escola para cada um” (Persch et al., 2006) e se propõe a formar cidadãos participativos e críticos. Isso pode ser visto pelos seguintes princípios orientadores:

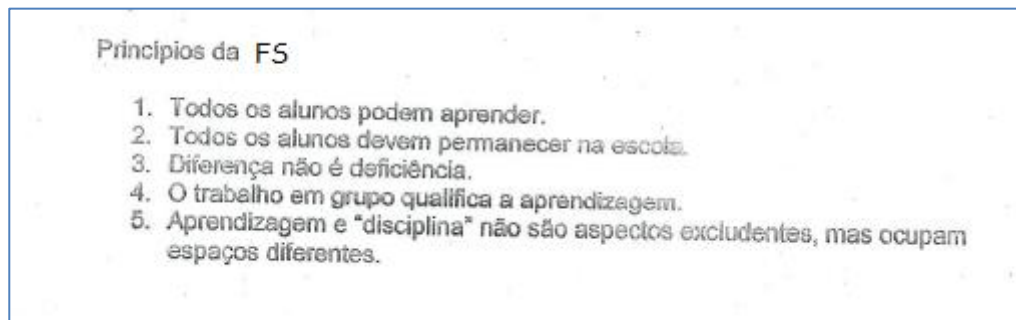


Figura 1. Princípios da Escola Francisco Sérgio (FS) - recorte de folha distribuída durante reunião pedagógica - 03/04/2014 (para o documento completo, ver Anexo A)

A escola é estruturada por ciclos de formação, como é feito em geral na rede municipal de Porto Alegre. Acompanhei o projeto de aprendizagem realizado com uma turma do último ano do terceiro ciclo:

⁴ Destaco então que meu objetivo com este trabalho não é encontrar adequação do trabalho feito na Francisco Sérgio com o que se diz na literatura sobre projetos de aprendizagem.

⁵ Professora Clara e “turma C34” são pseudônimos para que a identidade dos participantes seja preservada. Também chamo por um pseudônimo a outra turma do último ano do terceiro ciclo, C33. Em 2014, não existiram turmas assim identificadas na Francisco Sérgio.

⁶ A escola está localizada no coração de um bairro popular de Porto Alegre e convive diariamente com as notícias de problemas de violência e tráfico de drogas nos seus arredores ou até mesmo com o envolvimento de alunos em crimes. A grande maioria dos professores conhece muito bem a realidade dos alunos e constantemente discute sobre problemas da comunidade. Quando possível, chegam a intervir, como quando organizaram uma passeata pela paz em 2013. O que pude conhecer sobre o bairro e sua comunidade para além das leituras que fiz foi através dos alunos e professores e do rápido percurso pelo interior do bairro, que fazia com o ônibus para chegar e partir da escola.


Ciclos de Formação	
I Ciclo A	
Ano ciclo	idade
1º ano - A10	5 anos e 9 meses a 6 anos e 8 meses
2º ano - A20	6 anos e 9 meses a 7 anos e 8 meses
3º ano - A30	7 anos e 9 meses a 8 anos e 8 meses
Turma de progressão - AP	
II Ciclo B	
Ano ciclo	idade
1º ano - B10	8 anos e 9 meses a 9 anos e 8 meses
2º ano - B20	9 anos e 9 meses a 10 anos e 8 meses
3º ano - B30	10 anos e 9 meses a 11 anos e 8 meses
Turma de progressão - BP	
III Ciclo C	
Ano ciclo	idade
1º ano - C10	11 anos e 9 meses a 12 anos e 8 meses
2º ano - C20	12 anos e 9 meses a 13 anos e 8 meses
3º ano - C30	13 anos e 9 meses
Turma de progressão - CP	
	
Turma de progressão	
Atende alunos com defasagem entre escolaridade e faixa etária.	
Laboratório de Aprendizagem	
Atende alunos com defasagem e/ou dificuldades na aprendizagem.	

Figura 2. Ciclos de formação (Persch et al., 2006, p. 14)

Durante as nove semanas de observação participante, pude ver a turma C34, composta por 21 alunos, construir o projeto intitulado “Ditadura: acabou?”. Diversas atividades relacionadas ao projeto foram desenvolvidas nos períodos de aula de Língua Portuguesa, Inglês, Teatro, Informática, Biblioteca, História e Filosofia. Acompanhei as aulas da professora Clara de Língua Portuguesa e Inglês, que tinha quatro períodos⁷ com a turma.

A professora Clara trabalha há mais de 20 anos na Escola Francisco Sérgio. Por muito tempo, foi professora de Inglês com carga horária de 20 horas e, mais recentemente, passou a trabalhar 40 horas na escola, atuando também como professora de Português⁸. Clara estava todos os dias na escola, participando ativamente de diversas atividades, inclusive por ser professora de quase todas as turmas. Também, pela longa trajetória na

⁷ Na Francisco Sérgio, os períodos são de uma hora. Assim, em uma manhã são quatro períodos e meia hora de intervalo entre os dois primeiros, que iniciam às 7h30, e os dois últimos, que iniciam às 10h.

⁸ Durante quase o mesmo período, atuou numa escola privada de Porto Alegre.

escola, Clara conhecia muito bem a realidade de cada aluno e, muitas vezes, já havia sido professora de irmãos e até de pais de alunos.

A turma C34 tinha 21 alunos com a mesma faixa de idade, sem distorção idade-série. A maioria vivia no bairro e estudava na Francisco Sérgio desde as séries iniciais. Nessa turma, não estava nenhum aluno de inclusão, pois na C33 ficaram os alunos com necessidades especiais que contavam aí com uma professora de “docência compartilhada”, que estava presente em todas as aulas para dar atenção a esses alunos. A C34 tinha o seguinte horário de aulas:

C34				
2ºF	3ºF	4ºF	5ºF	6ºF
Ciê (Heloísa)	LP	Teatro	Ing	Teatro/Biblio
Informática	LP	EF	Ing	EF
Fil (Juliana)	His	Geo		Mat
Fil (Juliana)	His	Geo		Mat

Figura 3. Horário da turma C34 – 02/04/2014

O projeto foi constituído centralmente de momentos de estudo sobre a ditadura militar no Brasil (1964-1985), bem como de reflexões sobre a realidade vivida pelos alunos, com diversas atividades de leitura, como poesias, filmes, obra dramática e canções relacionadas ao tema. Como fechamento do projeto, foi construída uma sala ambiente para realização de uma exposição com o mesmo título do projeto. No capítulo 3, será possível conhecer algumas atividades realizadas pela descrição de momentos de participação no projeto.

2. METODOLOGIA E GERAÇÃO DE DADOS

*Ter um olhar situado para o cotidiano escolar e registrá-lo minuciosamente nos torna etnógrafos da linguagem conhecedores das experiências de ensino e aprendizagem que podem ser relevantes para outros cenários e contextos.
(Garcez & Schulz, em preparação)*

Este é um trabalho de cunho etnográfico que se orienta pela perspectiva interpretativa. Erickson (1990) escolhe o termo “interpretativo” para se referir “a toda família de abordagens de pesquisas de observação participantes” (p. 77). O ponto mais importante que distingue a pesquisa interpretativa das demais metodologias que incluem observações é que o critério básico de validade da análise parte da perspectiva dos participantes e dos significados locais de suas ações (Erickson, 1990, p. 78).

Os métodos etnográficos utilizados nesta pesquisa foram: **observação participante** de eventos (duas aulas de Inglês; seis aulas de Português; uma aula de Teatro; três reuniões pedagógicas semanais; uma saída de grupo – ida ao teatro; uma reunião entre professoras; um conselho de classe participativo; um conselho de classe de professores); **entrevistas com a professora Clara** (uma entrevista informal e uma entrevista semiestruturada⁹); **coleta de documentos** (“folhas” – materiais usados em aula, cópia de textos escritos por alunos, materiais distribuídos em reunião pedagógica); e **registros fotográficos** (cartazes do planejamento do projeto, sala ambiente da exposição de fechamento do projeto). Foram cerca de 32 horas de observação participante ao longo de nove semanas de trabalho de campo (um quadro sinótico da geração de dados encontra-se no Apêndice A).

Durante a observação participante, tomei nota do que observava para, logo que possível, transformar as anotações em diário de campo com a narrativa dos eventos. Ao observar uma aula, por exemplo, começava o registro com a data, número de alunos em sala de aula, organização dentro da sala (sentados em círculo, em duplas...), alguma descrição sobre como estava o clima no dia. Tentava registrar o máximo possível, desde movimentações dentro da sala até falas completas dos participantes. Foi um trabalho de fôlego. Os eventos de sala de aula podem ser considerados de “fácil” descrição, em comparação a outros momentos, também importantes para que eu conhecesse a escola, quando era quase impossível tomar notas: indo de ônibus à escola, quando quase sempre encontrava a professora Clara e conversávamos longamente; nos corredores da escola, em que circulava sempre ao lado da professora Clara e via novidades sendo contadas e ideias compartilhadas; na sala dos professores ou no refeitório, quando só “assistir” à conversa

⁹ As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas. O roteiro da entrevista semiestruturada encontra-se no Apêndice B.

não seria adequado. Assim, a escrita do diário de campo foi crucial para relacionar os eventos observados, tentando ao máximo ser minuciosa de modo a aproximar, na descrição narrativa dos eventos cotidianos da escola, o ponto de vista dos próprios participantes.

Com relação às questões éticas envolvidas, desde a entrada em campo e mesmo durante todo o decorrer da pesquisa, segui as orientações de Erickson (1990) de informar os participantes da melhor forma possível dos objetivos da pesquisa, de como seria realizada, assim como de todos os procedimentos de geração de dados e seu tratamento posterior durante a análise e divulgação da pesquisa, além de me comprometer em proteger a identidade dos participantes. A direção e a coordenação da escola autorizaram a realização da pesquisa, bem como a Secretaria Municipal de Educação, via termo de consentimento escrito, após apresentação formal do projeto de pesquisa por escrito. A professora Clara também autorizou a realização de observações e entrevistas, assinando um termo de consentimento¹⁰. Para o grande grupo de alunos, em sala de aula, e para o grupo de professores, em reunião pedagógica, fiz uma explicação da pesquisa e o consentimento foi dado verbalmente.

O trabalho de análise dos dados foi também um desafio, principalmente, porque foi muito difícil selecionar dados em particular para sustentação das asserções analíticas. Seria injusto com os participantes apresentar todos os dados disponíveis para a análise e não descrevê-los de maneira adequada. Por uma questão de espaço, portanto, desenvolvo uma análise sucinta e faço uma criteriosa seleção dos dados mais representativos da participação em projetos de aprendizagem na Escola Francisco Sérgio.

¹⁰ Os modelos de consentimento utilizados estão no Apêndice C.

3. PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS DE APRENDIZAGEM EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

O projeto de aprendizagem “Ditadura: acabou?” envolveu diversas instâncias de participação. Houve momentos em que se estava vivendo, planejando, avaliando ou apresentando o projeto. Para isso, os participantes realizavam encontros diversos, desde uma aula até um conselho participativo, uma reunião pedagógica, uma exposição artística para a comunidade. Fez parte da realização do projeto o planejamento coletivo e contínuo, feito em reuniões pedagógicas, em pequenas reuniões organizadas entre os professores ou com os alunos. Em sala de aula, foram desenvolvidas atividades de leitura, discussão de opiniões e conteúdos, avaliação da aprendizagem, produção escrita ou produção de *performance* artística, preparação de exposição sobre o projeto, entre tantas outras atividades. Os participantes realizaram também atividades fora da escola, como ida ao teatro ou à exposição em outra escola. Foi possível observar durante a realização desses encontros ativa participação e engajamento dos participantes para construir e viver o projeto de aprendizagem.

Com o objetivo de demonstrar como a participação é central para a realização do projeto de aprendizagem “Ditadura: acabou?”, apresento registros etnográficos de eventos observados. Para a análise, divido os eventos em momentos de planejamento didático, de construção de conhecimentos em sala de aula e de participação em esferas públicas.

3.1 PARTICIPAÇÃO NO PLANEJAMENTO DIDÁTICO COLETIVO: “É ASSIM QUE A GENTE FAZ OS PROJETOS AQUI”

Diferente da ideia convencional de planejamento didático, em que conteúdos e temáticas são decididos de antemão pelos professores ou coordenadores pedagógicos e apresentados aos alunos, o surgimento e construção do projeto “Ditadura: acabou?” foi um trabalho coletivo e continuamente construído, que contou com a participação intensa de alunos, professores e coordenação. O título desta seção inclui a fala da professora Clara, “é assim que a gente faz os projetos aqui”, que destaca que há uma maneira coletiva de fazer projetos na Escola Francisco Sérgio¹¹. Nesta seção, para analisar esse trabalho coletivo, apresento o processo de concepção do projeto de aprendizagem e a construção do quadro de planejamento, exploro em seguida como o planejamento é produzido e negociado em momentos formais e informais, e apresento propostas de planejamento emergentes de atividades ou de momentos de avaliação.

¹¹ Na seção 3.1.2, analiso o dado de entrevista em que está este trecho da fala de Clara.

3.1.1 O surgimento do projeto de aprendizagem “Ditadura: acabou?” e a construção de um quadro de planejamento

A participação de todos os envolvidos no projeto de aprendizagem é constantemente tornada relevante na Francisco Sérgio. Quando iniciei o período de observação das aulas, o projeto “Ditadura: acabou?” já estava em andamento, assim, foi na entrevista com a professora Clara, na sexta semana de pesquisa na escola, que ela me explicou como o projeto de aprendizagem surgiu. Realizei a entrevista numa manhã logo após a reunião pedagógica de professores da turma:

Entrevista 1, 08/05/2014 – Prof.^a Clara

1 FABIOLA: O que não observei foi quando vocês viram os filmes, como “O dia em que
2 meus pais saíram de férias”, quando vocês trabalharam com diferentes músicas. O que veio
3 antes?
4 [Clara folheia seu caderno de registros sobre a turma C34]
5 CLARA: Bom. **O porquê do tema ditadura. Tudo começou quando o Professor**
6 **Ricardo disse: “Olha, tem a peça de teatro, a peça de teatro do ‘Bailei na curva’¹²,** que
7 vai ser no dia 6 de abril”, porque isso vem sempre antes para escola, queria saber se
8 alguém tava afim de assistir, “Acho que a C30¹³ poderia assistir”. Ele achava mais
9 adequado para a C30. Quando ele disse isso, eu logo associei a leitura do livro. Eu disse:
10 “Bah, eles podem ler o livro”.
11 ((Trecho omitido: explica sobre seu trabalho como professora de Português, pois até dois
12 anos atrás era somente professora de Inglês nesta escola.))
13 CLARA: E aí, “Bom, ah **vamos** ver a peça de teatro, né? **Vamos!** É bom eles irem ver”. Aí
14 eu ouvi, a professora de Biblioteca também ouviu e também disse “**Vamos** sim! Porque é
15 bom, né, é bom eles terem uma ideia” e também porque fala de comportamento de
16 adolescência, fala de tudo isso. “Ótimo!”. Aí eu falei: “Mas eles podem ler o livro
17 também”, o que a gente sempre tem em todas as turmas é **leem todos o mesmo livro e faz**
18 **o trabalho de um livro**, faz um tempo que a gente começou, aliás, desde o ano passado
19 começamos a fazer, porque antes cada aluno pegava um livro que queria, só que levava o
20 livro pra casa pra passear e voltava e nada acontecia, porque eles não estavam acostumados
21 a lerem e debaterem sobre o livro porque cada um lia o seu, lia um diferente e não tinha
22 como fazer isso. Então agora a gente tá fazendo isso, né, eles continuam levando o livro
23 pra casa, livro da escolha deles, mas aqui na escola todos leem o mesmo livro e fazem
24 trabalhos em torno daquele livro. **Eu não tô fazendo o trabalho na sala de aula com a**
25 **leitura do “Bailei na curva” porque a moça da Biblioteca está fazendo.** Ela deveria
26 estar nessas reuniões **para a gente ter a participação dela também, porque ela também**
27 **faz parte do projeto e ela também ajuda na decisão dos passos.** E aí então, tá. Vem a
28 questão do... do... primeiro o teatro, aí vem a sugestão do livro, né, então eu já sabia do
29 livro, já na primeira semana de aula, isso já era uma proposta, e ver a peça de teatro e ler o

¹² “‘Bailei na curva’ mostra a trajetória de sete crianças, vizinhas na mesma rua em abril de 1964. Como pano de fundo, impõe-se uma forte realidade: um golpe militar num país democrático da América Latina. A peça desenha, ao mesmo tempo, um quadro divertido e implacável da realidade. Divertido sob o ponto de vista da pureza e ingenuidade das personagens que, durante sua trajetória, enfrentam as transformações do final da infância, adolescência e juventude. Implacável graças às consequências de um Golpe Militar que vão refletir na vida adulta destas personagens.” Fonte: <http://www.artistasgauchos.com.br/comica/?pg=8113> (Acesso em 05.11.2014)

¹³ Referência ao conjunto de turmas do último ano do terceiro ciclo.

30 livro já era um proposta do grupo de professores, já desde a primeira semana de aula.
 31 [Clara espera que eu termine de fazer uma anotação] **A ideia da ditadura, tá, surgiu**
 32 **porque, porque os alunos na primeira semana de aula, os alunos trabalharam com**
 33 **marchinhas de carnaval**, tá, tanto é que se tu fores ver o início das minhas aulas de
 34 Português eram tudo marchinhas de Carnaval, aqui ó, tá, tudo marchinhas de Carnaval
 35 [Clara me mostra em seu caderno de planejamento as letras de marchinhas].

O relato de Clara é evidência de que o planejamento da temática do projeto foi um trabalho que contou com a participação de vários atores e foi realizado continuamente, num processo gradual e não linear, em que oportunidades e interesses confluíram. Clara relata diversos acontecimentos que se relacionam à construção do planejamento da temática do projeto. O convite para ver a peça de teatro “Bailei na curva”, feito pelo professor Ricardo, de Educação Física (linhas 4-5), foi prontamente aceito por Clara que, em seguida, convidou a professora de Biblioteca para a leitura do texto dramático de “Bailei na curva”. Paralelamente a essa série de convites, todos aceitos com um animado “Vamos!” (linhas 11-12), já surgiam perguntas sobre a ditadura militar no Brasil durante a realização de atividades de outro projeto em sala de aula (linhas 31-33).

Foram os participantes que construíram coletivamente o interesse pelo tema a partir de perguntas que surgiam em atividades de sala de aula. Além disso, há a proposta de leitura conjunta da obra “Bailei na curva”, feita pelas professoras Clara e Heloísa para o horário de Biblioteca (linha 15). Já o fato de uma professora não estar presente em uma reunião pedagógica é apontado por Clara como um problema (linhas 21-25). Assim, é fundamental participar para construir o planejamento.

Para apresentar mais evidências de como o interesse pelo tema da ditadura surgiu e foi construído coletivamente pelos participantes, reproduzo abaixo a continuação do relato de Clara:

Entrevista 1, 08/05/2014 – Prof.ª Clara

1 CLARA: (...) Então isso, aí surge, **estamos vivendo os 50 anos da ditadura**, isso é uma
 2 coisa que aparece no jornal, as próprias notícias que eles leram no jornal. Já na segunda
 3 semana de aula, eu trouxe o jornal pra sala de aula, eles leram e enfim... e começaram e
 4 começou a chamar atenção, **“Que história é essa da ditadura, né, o que foi isso?”**,
 5 **começaram a se perguntar sobre. O próprio livro [“Bailei na curva”] que eles já**
 6 **haviam começado a ler tratava sobre isso.** E aí, a gente, **eles começam a perguntar pra**
 7 **nós, e a gente começou a conversar, eu disse: “Olha, nós, acho que nós já temos um**
 8 **projeto nessa turma, porque eles estão com interesse de saber sobre essas questões”.** E
 9 daí a gente leu também notícias sobre o trabalho que tava sendo feito na São João [Escola
 10 Estadual de Porto Alegre], que havia uma exposição, e **as perguntas começaram a vir**
 11 **naturalmente na sala de aula. Daí a Mônica resolve ir pra sala de aula então e fazer a**
 12 **pergunta e daí saiu o projetinho que tá ali que tu viste, as perguntas ali.** [Clara aponta
 13 para a folha que tenho sobre a mesa (Figura 4, apresentada em seguida)]

Perguntas sobre a ditadura emergiram em sala de aula a partir da leitura de jornais (linhas 1-2), da atividade conjunta de leitura (linhas 5-6) e da possibilidade de visita à

exposição em outra escola (linhas 8-9). A identificação de que um projeto estava se formando na turma é fruto, portanto, da manifestação de interesse sobre um tema por parte dos alunos, já que “as perguntas começaram a vir naturalmente na sala de aula” (linha 10).

Novamente, podemos observar que o planejamento do projeto de aprendizagem é um trabalho coletivo: como aponta Clara, a coordenadora pedagógica Mônica “resolve ir pra sala de aula” e “fazer a pergunta” para elaborar com os alunos o “projetinho” (linhas 11-12), um quadro de planejamento construído colaborativamente para sistematizar conhecimentos prévios, perguntas e ideias de atividades. Reproduzo, em seguida, o texto “final” desse trabalho de elaboração conjunta de um planejamento:

DITADURA: ACABOTE?		
TURMA: C34 PROJETO		
O QUE SEI?	O QUE GOSTARIA DE APRENDER?	O QUE PRECISO FAZER PARA APRENDER?
<ul style="list-style-type: none"> ⇒ A Ditadura aconteceu no Brasil e está fazendo 50 anos. ⇒ Muitas pessoas foram torturadas e mortas. ⇒ Os militares estavam cansados dos políticos corruptos. ⇒ O Brasil estava muito desorganizado (falta de saúde e segurança). ⇒ A Ditadura só era ruim para os comunistas. ⇒ Os comunistas eram contra o exército. ⇒ Não havia liberdade de expressão ⇒ Os militares queriam benefícios só para eles. ⇒ Até hoje existe alguma censura 	<ul style="list-style-type: none"> ⇒ Por que o povo se revoltou com os militares? ⇒ O que é ser comunista? ⇒ Por que tiraram a liberdade de expressão das pessoas? ⇒ Como pode o governo mandar numa pessoa? ⇒ O que teve de positivo e negativo na Ditadura? ⇒ A Ditadura resolveu, na época, os problemas sociais? ⇒ O que é “ser de direita” e “de esquerda”? ⇒ Por que até hoje existem algumas censuras? ⇒ A mídia se submeteu a Ditadura? 	<ul style="list-style-type: none"> ⇒ Pesquisa na internet, livros e jornais. ⇒ Filmes. ⇒ Teatro ⇒ Notícias na TV ⇒ Palestras ⇒ Visita a alguma exposição sobre o tema ⇒ Visita a Câmara de Vereadores ⇒ Visita ao arquivo Público

Figura 4. Quadro do projeto elaborado pela turma C34 – folha entregue na aula de Língua Portuguesa - 10/04/2014

Esse é o texto “final” do planejamento do projeto, porque sua construção foi um trabalho gradual, que começou com uma identificação geral de interesses, como veremos melhor em seguida, e chegou a uma sistematização, o quadro de planejamento. Isso não significa que mudanças não pudessem ser pensadas ou ideias adicionadas com propostas emergentes de atividades em sala de aula ou de momentos de avaliação (ver seção 3.1.3 abaixo).

O quadro de planejamento é uma atividade realizada em todas as turmas da escola. Não estive presente na aula em que foi realizada a construção do quadro na C34, mas, logo na primeira semana de trabalho de campo, participei de uma reunião pedagógica

semanal em que Mônica compartilha com os colegas a construção do quadro do projeto de outra turma:

Vinheta narrativa elaborada a partir de notas de diário de campo: 03/04, Reunião pedagógica.

Mônica expõe três cartazes em papel pardo que elaborou com uma turma de C20: O QUE SEI? O QUE GOSTARIA DE SABER? O QUE PRECISO FAZER PARA APRENDER?. Nessa turma se apontou o tema da Copa e os problemas relacionados a ela. Questionamentos decorrentes como: “Por que não fazem mais dinheiro?” surgiram. Durante a apresentação de Mônica, professores propõem “conteúdos” e os atribuem a diferentes matérias, como, por exemplo, a ideia de trabalhar orçamento e porcentagem em Matemática.

Nesse momento, a coordenadora pedagógica compartilha o que foi discutido com os alunos sobre o projeto e encaminha planejamentos para as diferentes disciplinas e para a turma como um todo. Assim como no quadro da C34, são levados em conta o conhecimento prévio dos alunos e seus questionamentos, bem como suas propostas de atividades¹⁴.

Após a construção em sala de aula, a professora Mônica digitaliza o quadro, que passa a integrar o “painel de projetos”, onde estão todos os projetos de aprendizagem em desenvolvimento na escola:

¹⁴ Aqui, tal como analisado por Hewitt (2004), os conhecimentos dos professores não cerceiam o que os estudantes propõem para aprender e investigar; eles podem contribuir com o que sabem, mas não são a única fonte de conhecimento. Hewitt (2004) investiga a construção de uma comunidade de aprendizagem, analisando dados de participação em um fórum *online* e em sala de aula com a transcrição das interações. O autor critica os estudos socioculturais, considerando que a participação coletiva (*communal participation*) pode ser uma condição necessária para o crescimento individual, mas não é suficiente. É necessário que os estudantes sejam capazes de fazer suas investigações à sua maneira, integrados numa comunidade que, com diferentes elementos – como objetivos, regras e linguagens – resulta numa cultura que é muito diferentes da sala de aula tradicional. Hewitt defende que, numa sala de aula com uma comunidade de construção de conhecimento, as discussões, questões, perguntas ou ideias são artefatos públicos e estão permanentemente presentes no “banco de dados” da sala de aula.



Figura 5. Painel de projetos da Francisco Sérgio – 17/04/2014

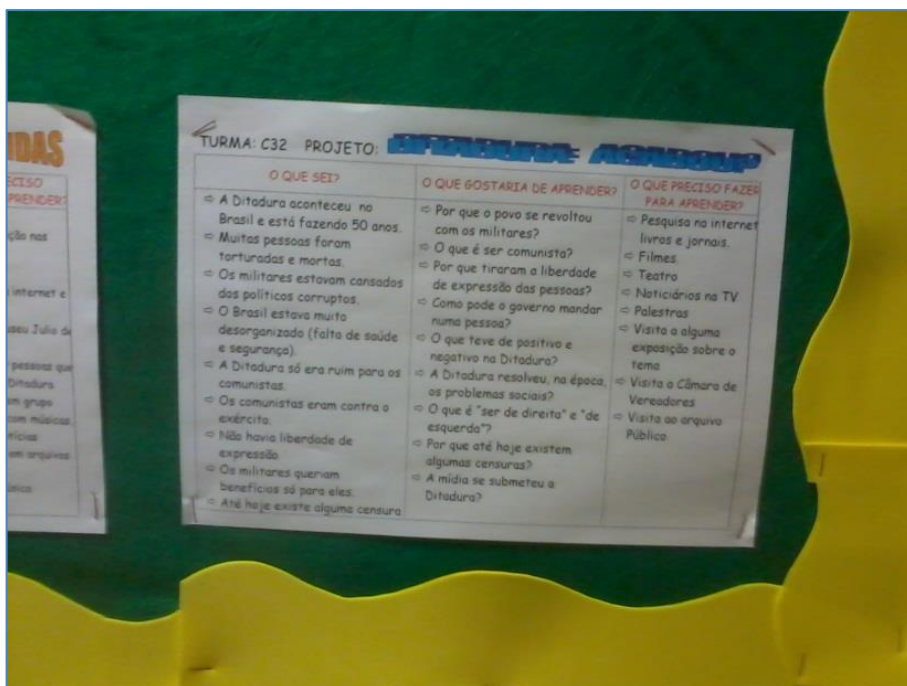


Figura 6. Projeto da turma C34 no painel de projetos – 17/04/2014

Encontra-se no centro desse painel a pergunta “Como estão se encaminhando os projetos das turmas?”. A pergunta usa o verbo “encaminhar”, que podemos relacionar à ideia de planejamento gradual e contínuo. O painel fica num local de grande circulação na escola: no corredor onde está a secretaria, coordenação, informática, sala dos professores e escada que leva a várias salas de aula. É um painel, portanto, que exhibe para toda a comunidade escolar os projetos de aprendizagem. Assim, o planejamento, além de coletivo, é compartilhado publicamente. Isso faz muito sentido, levando-se em conta que a escola opera com um forte trabalho de integração entre as turmas: os produtos finais dos

projetos, por exemplo, são exibidos publicamente para a comunidade escolar e, por vezes, também para a comunidade de moradores do bairro.

Assim como o quadro de planejamento, o “painel de projetos” também foi construído gradualmente e continuamente: uma semana antes da foto recém reproduzida, o painel estava diferente, com versões preliminares dos planejamentos:

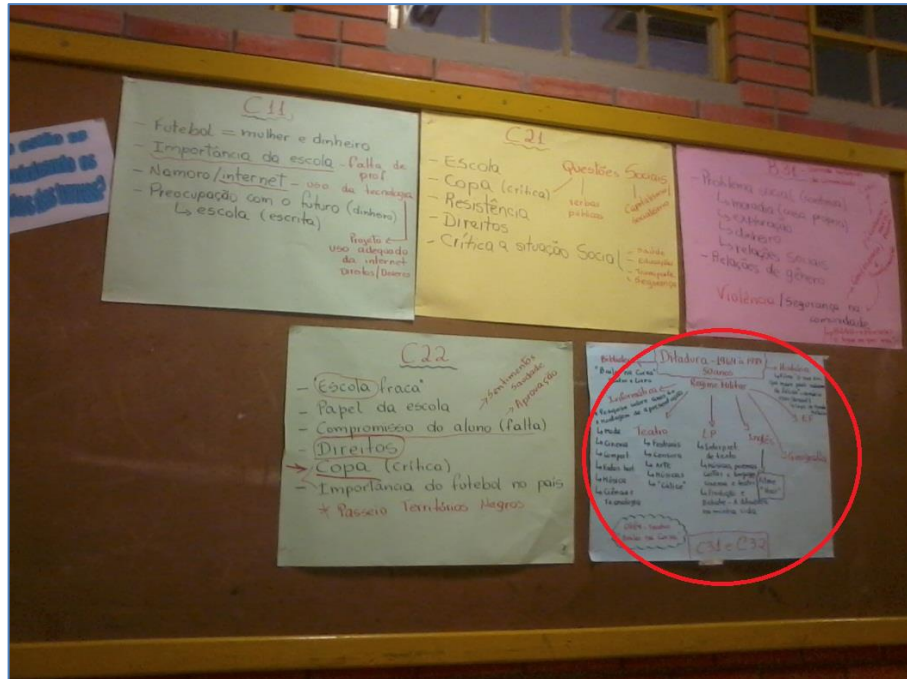


Figura 7. Painel de projetos - 08/04/2014

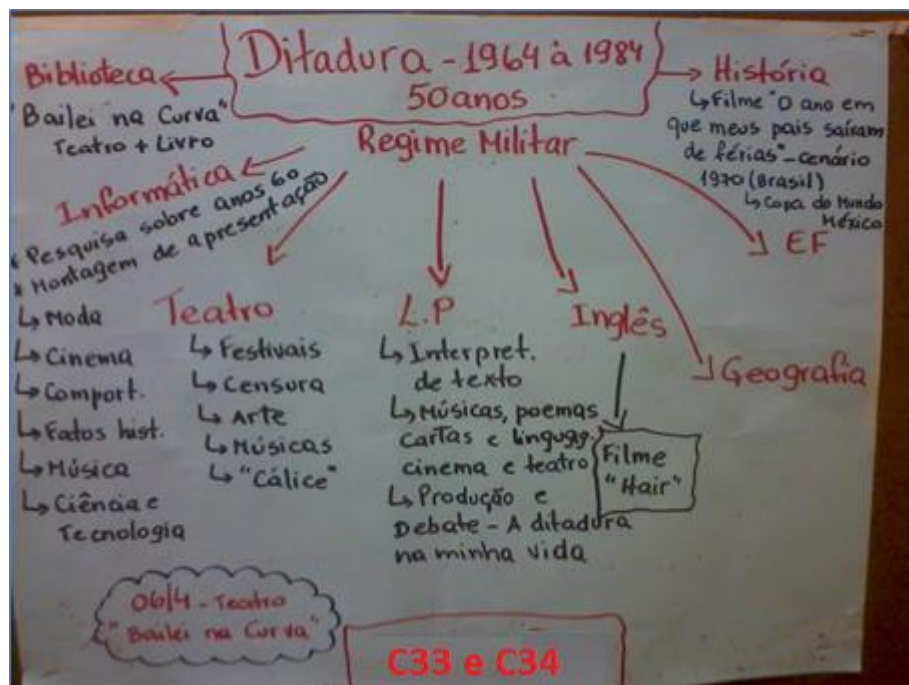


Figura 8. Cartaz das turmas C33 e C34 no painel de projetos - 08/04/2014

Nesse cartaz há um levantamento de temas e textos, filmes, música e atividades que integrariam o projeto, assim como um planejamento relacionando as diferentes matérias ao projeto. É uma identificação geral de interesses que foi também construída

coletivamente pelas turmas. No cartaz, Educação Física e Geografia estão sem previsão de atividade, mas estão presentes, o que pode indicar que se prevê a entrada desses componentes curriculares no projeto em um momento posterior. Está em destaque a ida ao teatro para ver a peça “Bailei na Curva”. O cartaz também indica que esse é o projeto das turmas C33 e C34, o que posteriormente se ramifica, pois cada turma elabora um quadro sistemático em separado, mas com a ditadura como a mesma temática central. Novamente, o planejamento didático se constitui como um trabalho coletivo, gradual e não linear.

Por isso mesmo, o quadro de planejamento é fundamental para o andamento do projeto. Diferente de um currículo tradicional ou lista de conteúdos, o quadro foi gradualmente construído e em diferentes momentos foi revisitado pelos alunos para reflexão sobre o planejamento do projeto. Os participantes, assim, participavam constantemente de momentos de análise sobre o andamento do projeto. Além da exposição para a comunidade escolar no “painel de projetos”, o quadro de planejamento (igual ao da Figura 6) foi afixado ao lado do quadro negro da sala da turma C34 e foi entregue por Clara aos alunos, em uma folha, para ser colada no caderno, em que estava também o quadro da turma C33 (ver Anexo B). No momento em que Clara traz aos alunos o quadro, ela pede que leiam os projetos para em seguida comentar o que já foi feito e o que ainda podem realizar. Essa conversa ocorreu no início da aula de Inglês, em minha segunda semana de observação de aulas, quando a turma já havia realizado diversas atividades do projeto, como a ida ao teatro para ver “Bailei na Curva”, leitura do texto dramático de “Bailei na Curva”, audição de canções e visionamento de filmes relacionados ao tema, entre outras atividades.

Nota de diário de campo: 10/04, aula de Inglês, sala de aula da turma C34

Clara pede que os alunos deem uma olhadinha na folha e diz que os projetos são semelhantes e que se complementam e por isso deixou os dois juntos. Clara diz que vai esperar que leiam em silêncio e digam o que tem de igual e diferente.

((Trecho omitido: após a leitura silenciosa, Clara chama alunos, ou eles se autosselecionam, para ler em voz alta as perguntas do quadro e comentar no grande grupo.))

Cristiano lê em voz alta uma das ações pensadas para “aprender”: “Visitar exposição sobre o tema”. Clara diz “Falando em visitar uma exposição sobre o tema, vamos ir ao último dia da exposição do...”, Cauê ajuda dizendo “São João”, Clara repete.

Na discussão sobre o quadro, Clara aponta que em seguida eles irão ver uma exposição sobre a ditadura militar no Brasil. Num momento de pausa na fala da professora, quando ela estava demonstrando ter dificuldade em lembrar o nome da escola onde está a exposição, Cauê completa com o nome, que Clara confirma. De fato, a ida à exposição já era uma atividade planejada, e todos compartilhavam desse planejamento. Nessa

revisitação ao quadro de planejamento, os participantes fazem uma revisão de atividades já realizadas e planejam próximos passos. Assim, a participação no planejamento didático com a elaboração e constante revisão do quadro de planejamento é coletiva e democrática, contínua e socialmente compartilhada.

3.1.2 Planejamento didático produzido e negociado em momentos formais e informais para construção do projeto de aprendizagem

Na escola Francisco Sérgio, a vida é intensa, pois, a todo momento, ideias novas surgem, e projetos se concretizam. Envolvidos em diversas ações simultâneas, os participantes encontram oportunidades para planejar. Pude observar que as decisões sobre o planejamento são tomadas em diferentes momentos do andamento do projeto, assim como em diferentes cenários: em sala de aula, em uma conversa de corredor, na sala dos professores no intervalo entre uma reunião e outra, no ônibus indo para a escola...

Nesta seção, apresento e analiso evidências de que a participação no planejamento didático pode se dar em diferentes eventos com organizações diversas, mas é sempre realizada colaborativamente e compartilhada. Primeiro trago o relato de Clara sobre os momentos reservados ao planejamento, que, conforme ela aponta, podem ser formais e informais. Em seguida analiso um dado de planejamento durante a reunião pedagógica semanal, em que fica evidente a convergência do trabalho do grupo de professores.

A professora Clara aponta, na mesma entrevista já citada, que há momentos de planejamento formais, como uma reunião pedagógica, e informais, como uma conversa de corredor:

Entrevista 1, 08/05/2014 – Profa. Clara

- 1 (...) E na verdade foi assim, **conversando aqui**, porque a gente, aqui ó, **esse momento foi**
 2 **a primeira reunião oficial que a gente teve de alguns professores da turma pra**
 3 **trabalhar sobre o projeto**, porque até então foi **só em conversa de corredor e conversas**
 4 **assim que a gente foi planejando, porque...**
 5 FABIOLA: Ele, na verdade foi surgindo, assim...
 6 CLARA: Naturalmente, **de acordo com a necessidade de suprir uma carga horária** que
 7 tava lá sem professor que, se vai substituir, vai com um plano de aula bem organizado,
 8 consegue manter o grupo pelo interesse deles, **realmente havia esse interesse, tanto é**
 9 **que, se tu olhares as perguntas que eles fazem, tem toda uma curiosidade e interesse.**

Além de destacar que a primeira reunião oficial de planejamento aconteceu muitas semanas após o início do projeto, Clara aponta que a falta de professores fez com que certas decisões fossem tomadas de acordo com a necessidade de suprir a carga horária dos componentes curriculares que estavam sem professor. De fato, foi no período de História que se assistiu aos filmes “O ano em que meus pais saíram e férias” e “Zuzu Angel”, tarefas encaminhadas por Clara, que produziu um “roteiro” de leitura, como ela chamava,

para que os alunos analisassem e discutissem o filme. Além de História, a turma C34 não contava, no início do ano, com professor de Ciências e Matemática. Sendo assim, professores de diferentes disciplinas e coordenação se organizavam e participavam do planejamento do trabalho desses componentes curriculares.

A reunião pedagógica a que Clara se refere (linhas 1-2) foi realizada entre professores das turmas de C30 e coordenação no mesmo dia em que a entrevistei, na sexta semana de trabalho de campo na escola, quando o projeto “Ditadura: acabou?” já ia bem desenvolvido. Nessa primeira reunião “oficial”, ficou evidente a convergência de planejamentos do grupo de professores. O grupo discutiu questões de comportamento das turmas, bem como atividades realizadas nas últimas semanas e por fim o “fechamento” do projeto, a publicação. Apresento uma vinheta narrativa dessa reunião pedagógica, em que os participantes produzem e negociam o planejamento.

Vinheta narrativa elaborada a partir de notas de diário de campo: 08/05/2014, reunião pedagógica sobre as turmas de C30

Encontram-se, na Biblioteca para reunião pedagógica das turmas de C30, a professora Clara (Português e Inglês), Eliana (Teatro), Rafaela (Coordenação), Mônica (Coordenação), Juliana (Filosofia), Caroline (Docência compartilhada da C33) e João (novo professor de Matemática da escola). Após cerca de 20 minutos em que discutem centralmente sobre algumas demandas específicas dos alunos de inclusão da turma C33, Caroline diz que podem seguir tratando do assunto em outro momento. Mônica então informa que no dia seguinte fará o trabalho de eleição de grupo na turma C33 e propõe entrar na C34 na semana seguinte com Clara para também fazer a eleição de grupo. Rafaela fala sobre como os alunos mudaram nos últimos anos, Eliana comenta que estão tirando muito sarro um dos outros. Mônica diz que a eleição de grupo pode vir a melhorar isso – “Eleição de grupo não é só juntar quatro mesas” –, que ela pode entrar com o trabalho de pensar nas diferenças, “Largar uma folha só para dividirem, já é trabalho de grupo, eles vão ter que aprender a dividir, estão naquele espaço”. **Clara diz que “Só conversa não flui”. Dá então como exemplo o trabalho feito em aula naquele dia:**

PERGUNTA FEITA NO INÍCIO DO PROJETO	RESUMO DA RESPOSTA ENCONTRADA	DE QUE FORMA CHEGUEI A ESSA RESPOSTA?
1-		
2-		
3-		
4-		
5-		
6-		
7-		

Figura 9. Atividade proposta por Clara na aula de Português - 08/05/2014

Mônica diz, quando vê a atividade mostrada por Clara, “**Sem querer as coisas se amarram**”, pois nessa semana havia encomendado como trabalho da aula de Informática a escrita de um relatório sobre o que aprenderam com o projeto, e o que Clara havia proposto era uma maneira esquemática de fazer isso. Clara explica sobre outras atividades de avaliação que realizou com a turma.

Mônica então diz que **está na hora de fechar o projeto, todos concordam**, e ela propõe fechar na semana seguinte. Clara propõe marcar a vinda do professor de História da escola São João para dar uma palestra. Todos concordam. **Várias ideias surgem de como fazer o fechamento do projeto, entre elas a de montar uma sala ambiente com a exposição de trabalhos para as outras turmas. Olham o calendário para pensar numa data para a palestra e para preparar a exposição.**

O projeto então é planejado de maneira colaborativa entre os professores, que inclusive identificam o fato de que não haviam conversado anteriormente sobre uma atividade de reflexão/relatório de atividades, mas que as “coisas se amarram”. Nessa mesma manhã em que se realizou a reunião pedagógica, a turma C34 havia realizado, na aula de Português com Clara, a tarefa de sistematizar o que aprendeu com o projeto (Figura 9). Na realização dessa atividade, os alunos retomaram o quadro do projeto (Figura 4) e responderam individualmente a perguntas que haviam formulado em conjunto.

Com a vinheta narrativa apresentada vemos que, nesta reunião, os professores também identificam que é o momento de “fechar” o projeto. A construção da proposta de fechamento/publicação dos trabalhos realizados durante o projeto é feita de maneira colaborativa, com ideias de como se poderia expor o que foi aprendido, assim como quando e para quem. Essa compreensão de como os projetos se desenvolvem e de como se faz o planejamento é explicitada por Clara em entrevista comigo:

Entrevista 1, 08/05/2014 – Profa. Clara

1 Então se tu fores **observar um projeto todo, ele é, ele não foi uma coisa planejada lá no**
 2 **início, ele foi acontecendo, a gente, o interesse dos alunos, o resultado dos trabalhos**
 3 **que os alunos vinham dando pra nós foram mostrando que caminhos tomar**, na
 4 verdade foi isso. Os próprios professores que foram entrando pro projeto, a professora de
 5 Teatro, a professora de Filosofia, o pessoal enfim, **vai entrando no projeto por uma**
 6 **necessidade**, às vezes a gente sentia, “ah eles tão querendo saber isso, quem sabe tu faz
 7 isso na tua aula, quem sabe tu”... né, é mais ou menos assim. **Na verdade é assim que a**
 8 **gente faz os projetos aqui**. A gente lá no início, a gente combina uma coisa que a gente vê
 9 que não dá certo porque não fluiu, não teve receptividade, enfim.

Clara destaca que um projeto não é todo planejado desde o início de sua realização (linhas 1-2): com o resultado de atividades e trabalhos, novos caminhos são pensados, novos conteúdos entram em cena e mais participantes são convocados, esse é o jeito que “a gente faz os projetos aqui” (linhas 8-9).

3.1.3 Propostas de planejamento emergentes em atividades de sala de aula ou de avaliação

Faz parte da realização do planejamento do projeto a participação ativa dos alunos, que estão inteirados do que foi feito e já preveem ou propõem atividades. Numa aula de Português com Clara, em minha quarta semana de observações, a turma realizou uma atividade de revisão da “reescrita da música ‘Cálice’ de Chico Buarque”¹⁵, demonstrando que já vinham pensando numa maneira de publicação do trabalho:

Nota de diário de campo: 17/04/2014, aula de português, sala de aula da turma C33

Clara diz que Antônia deu uma sugestão, não sabe se todos já estão sabendo da ideia. Cauê começa a falar devagar “Pra gente gravar ee...”, Clara segue falando “deee a gente gravar e fazer uma edição do texto”, diz que sabe que eles não gostariam de apresentar pessoalmente, mas que com o vídeo seria tranquilo, que podem gravar na aula de Teatro.

A ideia de produzir um vídeo com uma paródia/reescrita da canção “Cálice” surgiu durante uma atividade em sala de aula e já era compartilhada por alguns colegas. Clara trouxe a ideia para todo o grupo avaliar o que pensava sobre a publicação do trabalho. De fato, as atividades realizadas ao longo do projeto estão conectadas pela temática da ditadura, mas nem sempre está claro no momento de realização das tarefas de que maneira serão publicados os textos produzidos, por exemplo. Há uma grande preocupação em engajar-se na atividade do aqui-e-agora e alcançar objetivos compartilhados de aprendizagem. Mesmo assim, parece que os participantes já compartilham da ideia de que a publicação faz parte do projeto. Por isso, em diferentes momentos, emergem propostas como essa.

Por fim, o planejamento também integra a prática de avaliação a ser realizada no conselho de classe, em que alunos e professores conversam sobre o trabalho realizado durante o trimestre. Na Francisco Sérgio, o conselho de classe é composto de três momentos: o pré-conselho, em que grupos de alunos preparam uma avaliação do trimestre junto a uma professora ou coordenadora pedagógica; o conselho de classe propriamente dito, com a participação dos alunos e todos os professores, em que se discute o que os grupos produziram de avaliação no pré-conselho; e o conselho de classe dos professores, para formulação de pareceres descritivos sobre os alunos. A participação no conselho de classe da Escola Francisco Sérgio é detidamente descrita e analisada em Schulz (2007). Aqui, destaco que o conselho de classe é momento para avaliar e planejar o projeto de aprendizagem.

Reproduzo a seguir um dos produtos do pré-conselho, um quadro de avaliação feito por um dos grupos de alunos. Destaco que, ao avaliar o semestre, os alunos indicam que

¹⁵ Os participantes chamam de “reescrita da música” o trabalho de paródia sobre a canção “Cálice” de Chico Buarque, em que inscrevem suas questões de repressão e sua visão sobre a letra da canção.

aprenderam “tudo que aconteceu naquela época” (da ditadura militar) e que o projeto sobre ditadura foi algo bom, apontando ainda a intenção de “fazer um novo projeto” no quesito “o que gostaria de estudar”:

EMEF FRANCISCO SÉRGIO
Grupo: 5 Data: 13/05/2014
Turma: C32

AValiação DO I TRIMESTRE/2014

O QUE ESTUDAMOS NESTE TRIMESTRE? Ditadura, Massas e Volume Em ciência, músicas sobre a ditadura, voz gravada, voz crítica, golpe militar, verso TA BE, Canções de protesto etc.

O QUE VOCÊS APRENDERAM? Nós aprendemos que mesmo a ditadura sendo proibida, ainda exigem várias censuras e descobrimos praticamente tudo o que aconteceu naquela época.

O QUE DEIXARAM DE APRENDER? POR QUÊ? Deixamos de aprender muitas coisas porque foi pouco tempo de projeto.

	O QUE FOI BOM:	O QUE NÃO FOI BOM:	COMO GOSTARIA QUE FOSSE O PRÓXIMO Bimestre:
NAS TURMAS	<u>A sala CLARA sendo aula pra nós</u>	<u>A organização do lanche</u>	<u>Mais organização e respeito entre colegas e professores</u>
NAS AULAS	<u>O projeto ditadura.</u>	<u>A falta de professores</u>	<u>Mais explicado os conteúdos.</u>

O QUE GOSTARÍAMOS DE ESTUDAR? Experiências e fazer um novo projeto.

Figura 10. Quadro de avaliação preenchido por grupo de alunos no pré-conselho e apresentado no conselho de classe participativo - 27/05/2014

Não observei a atividade de pré-conselho, mas estive presente durante a manhã em que aconteceu o conselho de classe participativo nos dois primeiros períodos e o conselho de classe de professores nos dois últimos períodos. No conselho de classe participativo, cada grupo teve um representante, que leu em voz alta o quadro de avaliação produzido. Os grupos foram apresentando seus quadros, um seguido do outro. O grupo 5 teve como representante Luana, que leu em voz alta o quadro reproduzido acima. Após a apresentação dos grupos, Rafaela, da coordenação pedagógica, recolheu os quadros de avaliação e os distribuiu entre os professores, que estavam sentados em meio aos alunos. Mônica então abriu a discussão para quem quisesse agregar algo. Foi um momento em que os participantes pensaram temáticas e conteúdos para a realização de um novo projeto no segundo trimestre. De fato, o conselho participativo tem “um papel fundamental em termos de criar espaços de participação ativa de estudantes e de educadores nos processos de aprendizagem” (Schulz, 2007, p.92)¹⁶.

¹⁶ Outros momentos de avaliação da aprendizagem fizeram parte das aulas de Língua Portuguesa: foram realizados dois “trabalhos avaliativos de leitura e interpretação de texto”, em que era central relacionar textos trabalhados ao longo do projeto com conhecimentos sobre a ditadura militar. Também, os trabalhos avaliativos partiam de textos produzidos pelos alunos e de relações entre os textos estudados, o que sempre trazia ao foco a leitura e criticidade.

Em suma, o planejamento didático do projeto de aprendizagem “Ditadura: acabou?” contou com a participação de toda a comunidade escolar, foi um trabalho coletivo e continuamente construído. O quadro de planejamento, em que estão arrolados conhecimentos prévios, questionamentos e propostas de atividades para o projeto, foi construído coletivamente e compartilhado publicamente para comunidade escolar. Além desse quadro, foram muitos os momentos e cenários para o planejamento didático, desde momentos formais de planejamento até propostas emergentes.

3.2 PARTICIPANDO DE UM PROJETO DE APRENDIZAGEM PARA CONSTRUÇÃO CONJUNTA DE CONHECIMENTOS EM SALA DE AULA

O projeto “Ditadura: acabou?” oportunizou diversos momentos de aprendizagem e construção conjunta de conhecimentos, em que foi central a participação ativa e democrática de todos. Apresento nesta seção uma atividade realizada em sala de aula, em que observei a construção conjunta de uma análise e compreensão compartilhada sobre a peça de teatro “Bailei na curva”. Evidencio que, nessa atividade, há espaço para diferentes opiniões e entendimentos sobre a peça, mas é preciso negociar constantemente os direitos à participação. Assim como analisa Schulz (2007), o professor aqui organiza o encontro social e “em cada atividade que propõe, novos direitos à participação e à fala podem ser constituídos e modificados” (p. 75).

A atividade ocorreu na minha segunda semana de observações na escola, durante a aula de Língua Portuguesa, a primeira após o domingo em que as turmas de C30 foram ao teatro para ver “Bailei na Curva”¹⁷. Como apenas metade da turma pôde ir ao teatro, a professora Clara propõe que quem assistiu à peça compartilhe com os colegas o que mais gostou e que, em seguida, todos analisem conjuntamente a obra. No âmbito do projeto de aprendizagem, a atividade se relaciona à construção de um entendimento do que foi retratado sobre o período da ditadura na peça.

A turma, desde o início da aula, se organizou em um semicírculo da seguinte maneira:

¹⁷ Saindo da escola, um grupo – composto de alunos de C30, professores, inclusive Clara, coordenação e mães – foi ao centro da cidade, onde se localizava a sala de teatro.

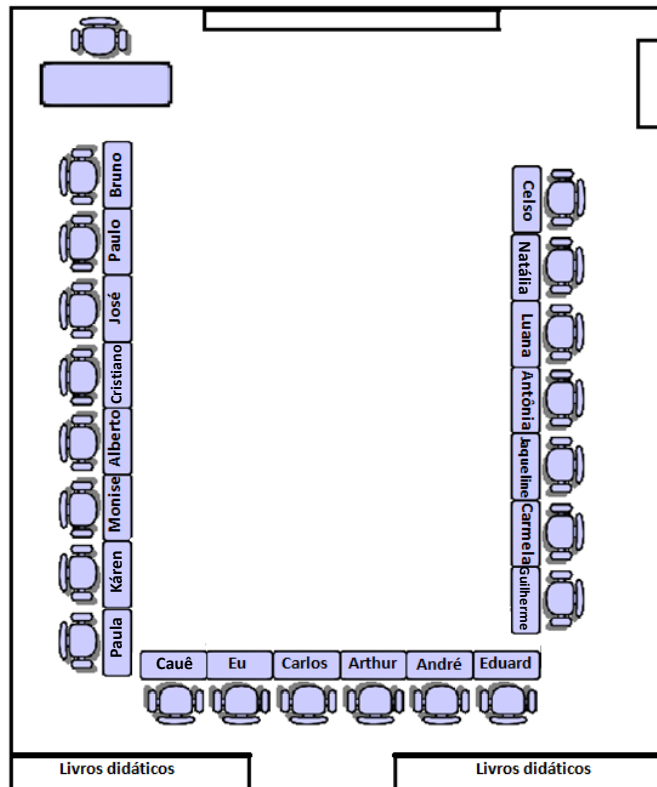


Figura 11. Aula de Língua Portuguesa, representação da disposição dos participantes na sala de sala de aula – 08/04/2014

Para situar a análise, antes apresento uma linha do tempo da aula e notas de campo que descrevem o evento. A primeira linha do tempo, que reproduzo em seguida, situa o evento a ser analisado dentro do conjunto de aulas observadas. Em seguida, a linha do tempo 2 contempla as atividades pedagógicas desenvolvidas ao longo dessa aula. A atividade, que descrevo como “discussão sobre saída de grupo da turma no último domingo”, encontra-se detalhada em cinco momentos, indicados por números na linha do tempo. No decorrer da narrativa do diário de campo, que apresentarei na sequência, localizarei os diferentes momentos com os números de 1-5 da linha do tempo.

Linha do tempo 1: conjunto de aulas observadas

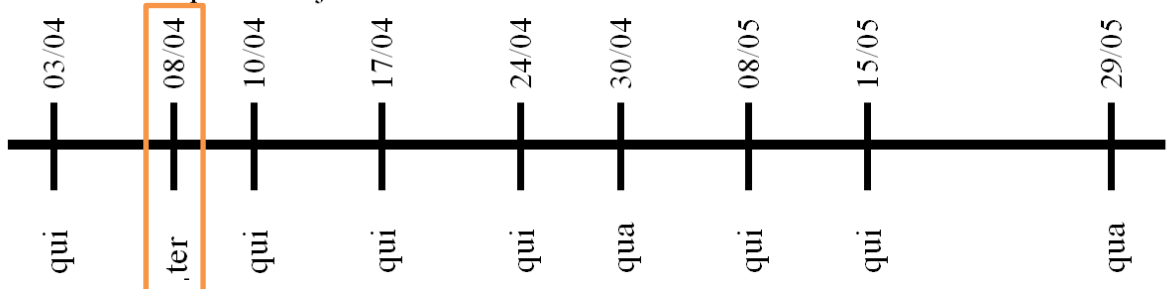


Figura 11. Linha do tempo 1: série de aulas observadas

Linha do tempo 2: atividades pedagógicas desenvolvidas na aula de 08/04

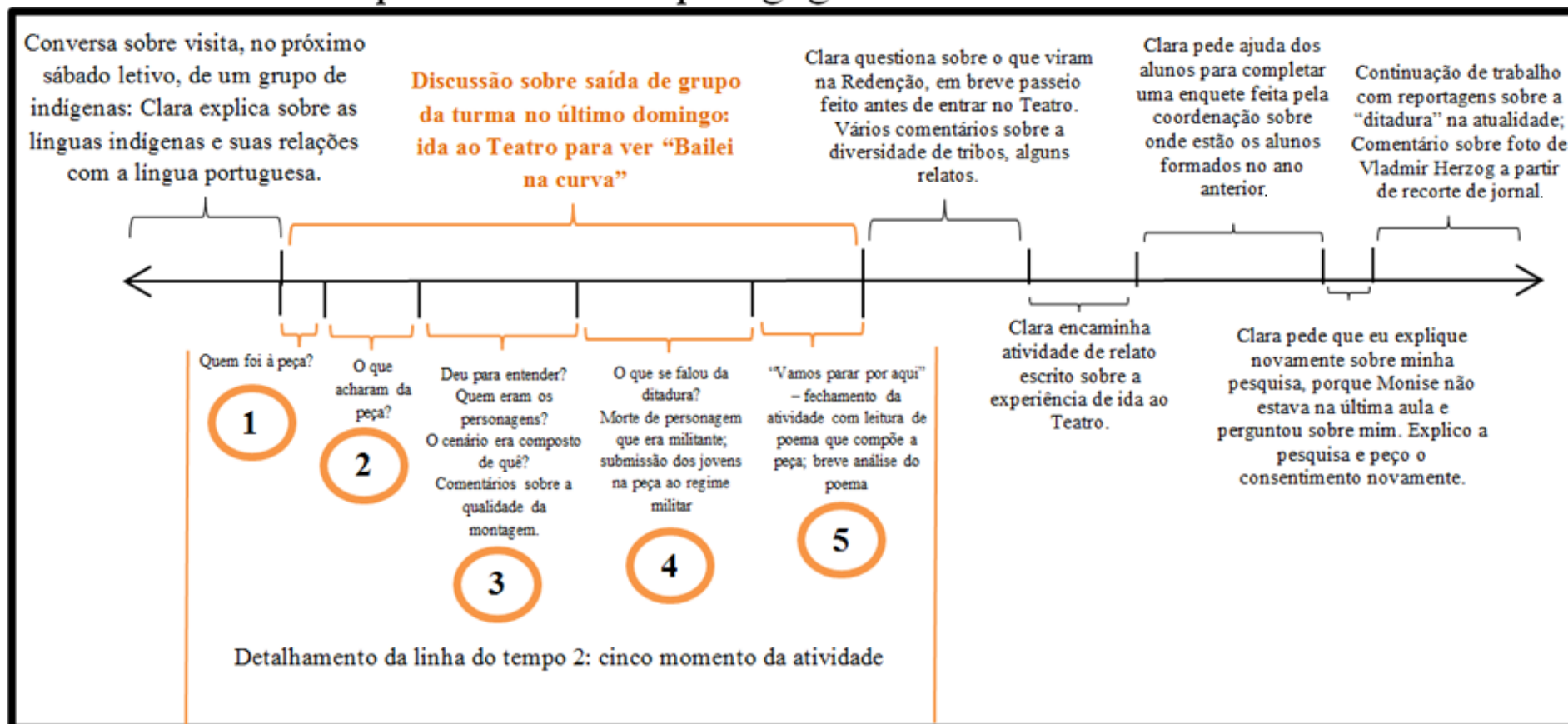


Figura 12. Linha do tempo 2: detalhamento da aula de 08/04/2014

A atividade de discussão inicia em um segundo momento da aula. Conforme indicado na linha do tempo 2, no momento “1”, Clara pergunta quem foi à peça de teatro. Em seguida, os participantes avaliam se gostaram da peça:

Vinheta narrativa elaborada a partir de notas de diário de campo: 08/04/2014, aula de Português, sala de aula da turma C34

1 Clara diz “Bailei! Teve muita gente que bailou na história, tem gente que disse que ia, mas não foi”, pede que levante a mão quem foi à peça. Carlos levanta a mão, mas os colegas dizem para baixar, porque ele não foi. Clara faz a contagem de mãos levantadas para averiguar quantos foram: 10 alunos de 20 presentes [dos alunos que regularmente vêm a aula, faltava somente Nicole neste dia]. Luana diz que Guilherme não foi, vários dizem ao mesmo que tempo que ele foi sim, Clara diz que “Ele tava muito quetinho”, Cauê diz “Foi! Eu vi ele lá”, Luana diz “Cala boca! Tu nem foi.”, Clara pede que parem com a discussão.

2 Clara pergunta “O que acharam da peça?” e pede que os que foram à peça compartilhem suas ideias. Carlos diz “Foi bem divertido!”, Luana pede que fique quieto. Clara diz a Carlos que agora ele tem que ser uma plateia bem educada e escutar o que os colegas comentam. Clara pergunta: “O pessoal que foi então, suas impressões”. Vários dizem “Muito legal”, alguns participantes comentam em sobreposição o que gostaram em específico na peça. Clara pede que falem um de cada vez.

A participação nessa atividade do projeto é organizada de maneira democrática para alcançar os objetivos de aprendizagem compartilhados pelos participantes. A discussão sobre a peça de teatro inicia com a contagem de quantos alunos participaram da atividade realizada no domingo anterior: 10 alunos dos 20 presentes puderam ir ao teatro. Clara pede então que os que assistiram à peça comentem o que viram. Cauê e Carlos começam uma conversa paralela, mas Luana pede que fiquem quietos e Clara, em seguida, diz que serão “plateia” naquele momento. Feito silêncio, Clara pergunta novamente sobre as impressões dos participantes, e mesmo a metade da turma que não foi ao teatro se mostra alinhada à atividade de discutir a peça. Com frequência, são alunos como Antônia, Natalia, Luana, Cauê, Carlos e Arthur os que comentam as questões discutidas no grupo. Outros, como Guilherme, Monise, Cristiano, Celso, André e Alberto, participam mais timidamente, mas chegam a dar sua opinião verbalmente. O restante não participa necessariamente falando, mas se mostra alinhado à atividade com acenos de cabeça, direcionamentos de olhar e gestos.

A atribuição de “plateia” a Carlos e, por conseguinte, aos que não foram ao teatro, foi uma decisão democrática de Clara: para alcançar os objetivos previstos pela atividade de discussão da peça, era necessário escutar o que os alunos que assistiram ao espetáculo tinham a dizer. Clara então negocia os direitos à participação¹⁸, pois é condição para

¹⁸ Como apresentam Jones e Thornborrow (2004), as possibilidades de ter direito à palavra estão de acordo com a atividade empreendida pelos participantes: “para uma atividade em um cenário, então, podemos ter

participar da atividade haver assistido à peça de teatro. Garcez e Melo (2007) mostram esse tipo de participação como objeto de ensino e aprendizagem em uma turma de primeiro ano de primeiro ciclo nessa mesma escola.

Apresento, em seguida, a sequência da interação, em que Clara ratifica a participação de Carlos quando a atividade se afasta do propósito central de discutir a obra: para calcular o número de personagens, Clara coloca no quadro o cálculo que Carlos faz em voz alta. Após comentários dispersos e simultâneos, Clara resume as ideias principais mencionadas, “legal, falam palavrão, engraçado, trágico e cômico (...)”, para em seguida introduzir a atividade de analisar a composição da peça, como personagens e cenário:

Vinheta narrativa elaborada a partir de notas de diário de campo: 8/04/2014, aula de português, sala de aula da turma C34

3 Clara pergunta, “Deu pra entender?”, vários dizem “Deu”, “Sim” simultaneamente, inclusive Cauê e Arthur [que não foram à peça]. Clara pergunta em seguida: “Quem eram os personagens?”, vários falam ao mesmo tempo, dizendo nomes que Clara repete, como Beth Aranha, Ana, Ruth... Após a menção de alguns nomes, Clara diz “Tá”. Luana começa a falar de cada um dos personagens: Pedro, Paulo..., e vários participantes voltam a elencar nomes... Em seguida, Clara segue a atividade perguntando:
 Clara: O cenário era composto de quê? O que tinha de concreto?
 Vários participantes falam ao mesmo tempo: Cadeiras.
 Clara: Quatro cadeiras, ((enfazizando o número)). Isso é teatro, o que era aquele carro com quatro cadeiras?
 Diversos participantes comentam que era “tudo imaginário”.
 Clara: Quantas personagens a peça tinha?
 Vários participantes falam ao mesmo tempo: Oito.
 Clara: Personagens, não atores, eram oito atores.
 Luana: Ahh tá...cada um fez uns três ou quatro personagens.
 Clara: Cada um fez uns três ou quatro personagens, muito certo, 8 vezes 3...4 dá quanto?
 Carlos: Depende.
 Clara e Carlos fazem o cálculo juntos, Carlos faz o cálculo em voz alta enquanto Clara escreve o que ele fala no quadro. Ao final, chegam ao resultado de que são 40 personagens, que cada ator fez mais ou menos cinco personagens. Clara pergunta se podem imaginar como era atrás do palco, diz que o “faz de conta” é muito importante no teatro. Antônia levanta a mão.
 Clara: Fala.
 Antônia: Muito bom o sincronismo, tipo quando estavam no carro e se movimentavam juntos.
 Paulo ajuda Antônia a contar que, na mudança de marcha e freadas, havia um sincronismo na interpretação dos atores. Cauê, em tom irônico, repete falas dos colegas “Aham”, “É verdade” e “Gostei de tudo”.

A discussão é orquestrada por Clara, que faz destaques e perguntas para verificar o entendimento dos alunos sobre a peça e compartilhá-los com os alunos que não foram.

níveis de ratificação de falantes e ouvinte” (p. 421). Para deixar clara essa relação, podemos pensar que, na hora da chamada, por exemplo, é plenamente justificável que a estrutura de participação seja mais restrita para que seja possível realizar a atividade.

Também são feitas análises da qualidade da obra, como quando Antônia e Paulo descrevem o sincronismo entre os atores na cena em que os personagens da peça andam de carro. Mesmo que Clara se coloque como a organizadora da discussão, são muitos os alunos que se autosselecionam e falam ao mesmo tempo, às vezes comentando algo com um colega ao lado, mas, seguindo engajados na atividade do grande grupo. Cauê, como veremos mais detidamente em seguida, tenta muitas vezes “entrar na discussão”, mesmo que Clara já o tenha declarado “plateia”.

Na sequência, os participantes constroem o retrato da ditadura na peça e precisam novamente negociar os direitos à participação:

Vinheta narrativa elaborada a partir de notas de diário de campo: 08/04/2014, aula de Português, sala de aula da turma C34

4 Clara pergunta o que se falou da ditadura. Natália diz que o personagem Pedro morreu, Cristiano, que o pai da personagem Ana era militar. Comentam sobre a constituição e orientações políticas das outras famílias da peça, quem era comunista, sindicalista, militante, ou do exército. São várias vozes sendo ouvidas ao mesmo tempo, já que se trata de uma “chuva” de ideias, em que buscam lembrar diversos aspectos dos personagens. Quando Natália está fazendo um comentário, num momento em que todos estão orientados para sua fala, Clara pede que ela pare de falar para chamar a atenção de Cauê, Carlos e Arthur:

Clara: Espera um pouquinho, o que tu tem para dizer é importante, mas tem uns carinhas que acham que porque não foram e não são agora o centro das atenções, eles podem falar sobre outra coisa.

Carlos: Rifa. ((possivelmente em relação à rifa que está sendo organizada pela turma para arrecadar dinheiro para a formatura))

Clara: Eu vou rifar vocês ((em tom de brincadeira))
((Todos riem.))

Carlos: Não falam nada interessante, só balelinha.

Clara: Eu sei quem vai ganhar a rifa.

Cauê: Quem vai?

Clara: Uma daquelas duas salinhas ao lado da secretaria ((se referindo às duas salas da coordenação)).

Carlos: Informática?
((O grupo silencia))

Clara: Vamos lá.

Natália segue contando sobre um trecho da peça, em que a mãe do personagem Pedro fala da morte do filho. Antônia relaciona isso à ideia da colega, segundo a qual, os personagens, quando cresceram, se submeteram ao regime, Clara concorda. Cauê, com tom irônico, diz “Uma salma de palmas”.

Não se passa por cima do fato de que grande parte da turma não participou da ida ao teatro. Parte do objetivo da atividade é compartilhar o que foi visto. Para alunos que sempre estão ativamente engajados nas atividades – como Cauê, Carlos e Arthur¹⁹ – parece

¹⁹ Clara, no dado recém apresentado, aponta que esse grupo de alunos está incomodado com o fato de não ser “o centro das atenções”. De fato, esse trio tem certa liderança dentro da turma e da escola: são os “bam-bam-

difícil lidar com o fato de que a proposta é de que apenas os que foram à peça comentem suas impressões e analisem a história. Clara explicitamente chama atenção ao fato de que agora eles não são o centro das atenções, não são os participantes que têm a prerrogativa para falar sobre a peça. Carlos justifica que não considera interessante o que os colegas estão comentando. Com a brincadeira de “rifar os alunos”, Clara diz que, se não participarem de maneira adequada, terão que conversar com a coordenação.

Na sequência, a discussão é finalizada com a leitura em voz alta do poema que encerra a peça:

Vinheta narrativa elaborada a partir de notas de diário de campo: 08/04/2014, aula de português, sala de aula da turma C34

Clara segue discutindo a ideia proposta por Antônia e comenta a progressão da história, Luana e Jaqueline falam do poema feito por uma personagem para falar da morte de Pedro, e Clara destaca que o personagem Pedro morreu por causa da ditadura.

((Trecho omitido: participantes discutem sobre a personagem Ruth, que fez um aborto.))

5 Clara só diz “Vamos parar por aqui, a gente só vai dar uma olhada no poema para ter uma ideia do que foi a peça e depois a gente encerra” e pede que vejam o poema. Antônia tem o livro com ela e lê em voz alta o poema²⁰ que finaliza a peça. Todos em silêncio escutam.

Após a leitura em voz alta do poema, a atividade é finalizada por Clara com uma reflexão sobre a ditadura, em que Cauê e Carlos participam de maneira ratificada, já que não se trata mais de relatar sobre a peça ou analisá-la, mas de entender o significado de um trecho do poema:

Vinheta narrativa elaborada a partir de notas de diário de campo: 08/04/2014, aula de Português, sala de aula da turma C34

Durante a leitura do poema, Clara destaca no quadro o verso “Que não adianta represar os rios se não se pode parar a chuva”. Todos atentos se engajam e Clara pergunta: “O que diz esse poema a respeito do Pedro?”. Várias ideias surgem, Antônia e Cauê começam a falar ao mesmo tempo:

Cauê: Ele é forte e lutou pelos seus direitos.

Antônia fala baixinho e Clara repete mais alto e para todos o que ela dissera.

Antônia: Ele morreu, mas ficou na memória dos amigos.

Clara: O que quer dizer a frase que eu coloquei no quadro em relação à ditadura?

Antônia: Não se pode represar as pessoas.

Clara: O que seria represar?

Surgem alguns comentários paralelos entre os alunos, Carlos fala mais alto:

Carlos: Não adianta falar, porque ele não vai voltar ((sobre o personagem Pedro)).

Vários participantes, durante a fala de Carlos, se voltam para trás para olhar para Carlos, Clara assente com a cabeça.

bans”, como escutei Clara chamá-los. Diferente do que eu esperava, os “bam-bam-bam” da C34 se engajam sempre ativamente das atividades de aula, buscando se destacar também pelos estudos.

²⁰ Reproduzo o poema no Anexo C.

Antônia: Não se pode parar o rio.

Clara: Se pode represar o rio, mas vêm as chuvas. O que isso significa numa linguagem figurada?

((todos fazem em silêncio))

Antônia: Não adianta parar uma pessoa, se não se pode parar as outras.

Clara confirma e diz que há outras pessoas que pensam como o Pedro, que não adianta tolher a liberdade das pessoas, também explica que usa o sentido figurado de “rio”, que seria as ideias das pessoas, a ideia de liberdade das pessoas.

Clara: Bom, então é isso... Quem terminou a leitura? (...)

É importante salientar que toda a negociação feita com Cauê e Carlos é sustentada por um entendimento da professora de que aquele era o momento para que um determinado grupo participasse. Assim, a decisão de Clara é coerente com a proposta educacional da Escola, porque a atividade tem objetivos claros de aprendizagem que, para serem alcançados, precisam que a interação seja organizada dessa maneira.

Clara pode ter um grande trabalho interacional para negociar os direitos à participação nessa aula, mas não precisa se “esforçar” muito para que os alunos entendam e se engajem à atividade que propõe. Há contextos escolares em que a instrução sobre a tarefa a ser realizada toma grande parte do tempo de aula. Os alunos iniciam uma atividade em grupo, por exemplo, e precisam chamar a professora diversas vezes para ajudá-los a entender “o que é para fazer”. Isso nunca foi um problema nas aulas da C34: as atividades sempre foram iniciadas de maneira rápida, e todos os participantes estavam muito alinhados ao que estavam fazendo.

Podemos atribuir o sucesso de tal atividade de leitura e análise crítica à maneira como se situa dentro de um projeto de aprendizagem, em que conhecimentos são tornados relevantes pelos alunos. Assim, há grande motivação para participar da aula e aprender, tanto pelo interesse no tema, como pela maneira como o conhecimento é situado. O projeto de aprendizagem construído pelos participantes nesse contexto é o que proporciona, portanto, as oportunidades de participação para construção de conhecimento. Dificilmente um aluno esteve de cabeça baixa, sem mostrar atenção ao que está acontecendo nas discussões de grande grupo. Participar de um projeto de aprendizagem é construir conhecimentos significativos para alcançar objetivos compartilhados de aprendizagem. O motor da participação e da aprendizagem é, portanto, a vontade de realizar o projeto.

3.3 PARTICIPAÇÃO EM ESFERAS PÚBLICAS PROMOVIDA POR PROJETOS DE APRENDIZAGEM: O CONHECIMENTO ESTÁ NO MUNDO

Durante o desenvolvimento do projeto de aprendizagem, a participação em esferas públicas possibilitou a realização de atividades e objetivos do projeto. Desde o quadro de planejamento (Figura 4), já estava previsto participar de eventos públicos para aprender.

Na coluna “O que preciso fazer para aprender?”, os participantes planejavam: pesquisar na internet, livros e jornais; ir ao teatro; assistir a palestras; ver filmes; ver noticiários na TV; visitar exposição sobre o tema; visitar a Câmara de Vereadores; visitar o arquivo público. Para aprender, portanto, é preciso **fazer**, realizar atividades, e buscar o conhecimento em diversos lugares.

No projeto “Ditadura: acabou?”, a sequência de atividades de sala de aula foi em parte movida pelas oportunidades de participação em esferas públicas. Ilustro com a linha do tempo abaixo a sequência de eventos em esferas públicas e apresento uma seleção de atividades diversas que emergiram da participação nesses eventos:

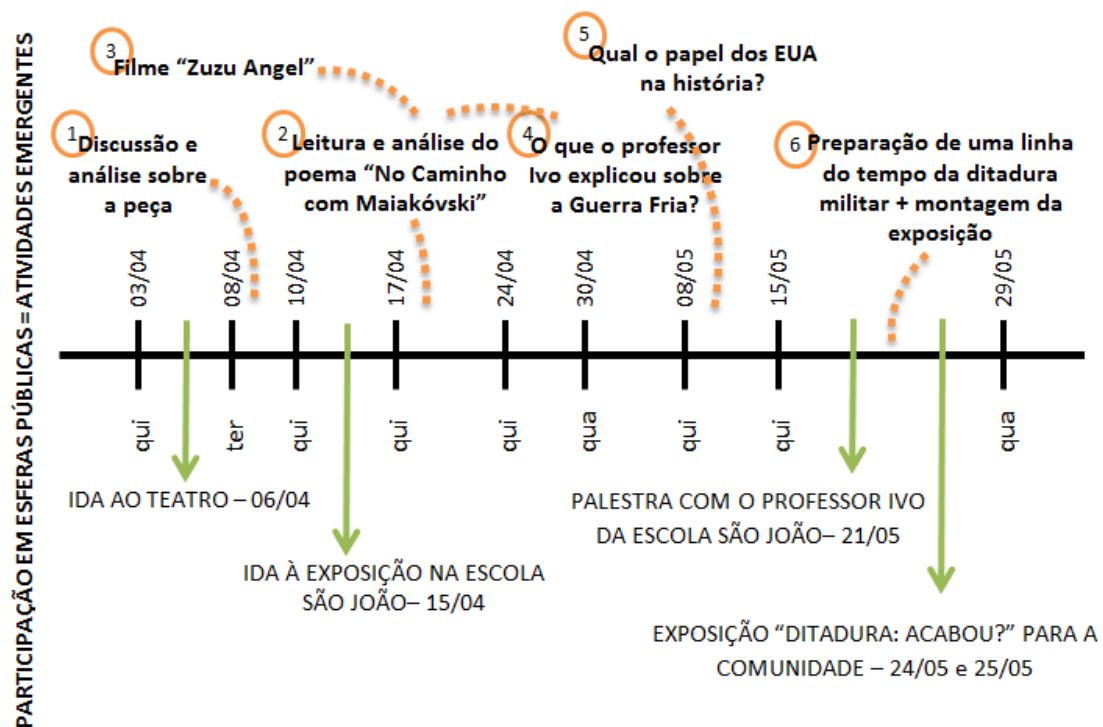


Figura 13. Linha do tempo: Participação em esferas públicas e atividades emergentes

A perspectiva de assistir à peça “Bailei na curva” foi o que motivou, em grande medida, a realização do projeto. Também, foi a participação nesse evento que possibilitou diversas atividades, uma delas analisada na seção 3.2 acima, a discussão e análise sobre a peça. Na linha do tempo, identifico essa atividade com o número “1”. Também, a leitura conjunta realizada no horário de Biblioteca foi decidida em função desta oportunidade de participação.

Além de ir ao teatro, a turma C34 foi à Escola São João para ver a exposição temática sobre os 50 anos do golpe civil-militar de 64. Essa foi outra participação em esfera pública que enriqueceu o trabalho realizado na escola: novas perguntas sobre a ditadura surgiram em sala de aula, novos textos foram lidos e filmes assistidos. Localizo na

linha tempo a atividade “2”, em que Clara traz um poema que os alunos conheceram na exposição da Escola São João. O trabalho de leitura e análise do poema provocou a discussão sobre o que seria a Guerra Fria, outro “conteúdo” que aprenderam na exposição (atividade “4” na linha do tempo). Outro momento do projeto proposto devido à “saída de estudos”, como chama o grupo de professores esse tipo de atividade, foi assistir ao filme “Zuzu Angel” e fazer um trabalho de interpretação do filme (atividade “3” na linha do tempo).

Durante a realização de outras atividades do projeto, algumas perguntas em sala de aula tinham origem em um conhecimento construído fora de sala de aula. A pergunta “Qual o papel dos EUA na história?” surgiu numa aula em que realizavam uma tarefa de sistematizar o que aprenderam com o projeto: completavam, individualmente, o quadro da figura 9, quando Cauê diz que iria colocar que os Estados Unidos tiveram participação na instalação da ditadura no Brasil, mesmo que o Prof. Ivo, da Escola São João, tivesse dito que não era bem assim. Arthur faz mais perguntas, sobre o que é ser de direita e de esquerda, por exemplo, e todo o grupo se engaja numa atividade de trazer conhecimentos construídos ao longo do projeto para discutir o tema e esclarecer dúvidas.

Como fechamento do projeto, as turmas C33 e C34 organizaram em conjunto uma exposição na escola para compartilhar com a comunidade escolar o que aprenderam com o projeto “Ditadura: acabou?”²¹. Alguns dos materiais da exposição foram produzidos ao longo das aulas, outros foram preparados para a exposição, como uma linha do tempo do período da ditadura militar (atividade “6” na linha do tempo). Os participantes realizaram a exposição numa sexta-feira para a comunidade escolar e a mantiveram montada para que a comunidade em geral do bairro pudesse vê-la no dia seguinte, sábado letivo, dia do aniversário da escola (no Apêndice D, reproduzo uma seleção de fotos feitas da sala de exposição).

Em resumo, participar do projeto “Ditadura: acabou?” envolveu buscar conhecimentos para além da sala de aula e das referências “tradicionais” de conhecimento, como o professor ou o livro didático. Além disso, buscar conhecimentos “no mundo” parece ser tão importante quanto compartilhar o que aprendeu com “o mundo”, neste caso, a comunidade escolar e a comunidade do bairro.

²¹ Os projetos realizados nas turmas de C30 foram complementares: os professores, por vezes, realizavam atividades com os mesmos textos, mas as propostas de produção eram diferentes. Um exemplo é o trabalho de reescrita da canção “Cálice” feito pela turma C34, que foi realizado com a turma C33 com outras canções, “Até Quando” e “Pra não dizer que não falei das flores”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE É PARTICIPAR EM PROJETOS DE APRENDIZAGEM?

Neste estudo, busquei compreender, com a análise sobre a participação, como os projetos de aprendizagem eram concebidos e executados na Escola Francisco Sérgio. A pergunta “O que é participar em projetos de aprendizagem” foi respondida com a análise da participação no planeamento didático, da participação na construção de conhecimentos em sala de aula, e da participação em esferas públicas sociais.

Retomo agora minhas perguntas de pesquisa, apresentadas na introdução, para respondê-las a partir de constatações feitas durante o decorrer da pesquisa e evidenciadas na análise dos dados.

1. *A escola manifesta trabalhar com projetos de aprendizagem?*

- a. *O trabalho com projetos é uma orientação proposta pela escola ou é uma perspectiva adotada por alguns professores de maneira independente?*
- b. *Qual o entendimento sobre “projetos de aprendizagem”?*

O trabalho com projetos é uma proposta consolidada na Escola Francisco Sérgio como a maneira de organizar o ensino. Conforme analisado na seção 3.1, o planejamento do projeto é um trabalho coletivo, em que coordenação, professores e alunos estão alinhados quanto a realizar um projeto de aprendizagem. Já na seção 3.2, demonstrei que os participantes se organizam para participar e construir conhecimentos relevantes para o projeto de aprendizagem. Também, toda a comunidade escolar participa em esferas públicas, como relatado na seção 3.3, em atividades relacionadas ao projeto.

Trago as palavras de Clara, registradas em uma entrevista semiestruturada, que refletem o que foi observado durante a pesquisa de campo:

Entrevista 2, 26/09/2014 – Prof.^a Clara

- | | |
|----|--|
| 1 | FABIOLA: Uma das primeiras perguntas que eu queria te fazer é: teu trabalho com |
| 2 | projetos é um proposta da escola como um todo ou é algo que tu vê que é o professor que |
| 3 | toma essa proposta? |
| 4 | CLARA: Não, é uma proposta da escola . Tanto é que se tu observares ali depois no... |
| 5 | tem um painel e os projetos estão todos ali, de todas as turmas. Então é uma proposta |
| 6 | de escola . |
| 7 | FABIOLA: E de que maneira surgiu isso na escola? É uma prática recente? Uma prática já |
| 8 | consolidada? Na tua visão... |
| 9 | CLARA: Já faz muito, muito tempo que, ai, vou te dizer eu acho que uns 15 anos, mas |
| 10 | surgiu principalmente quando a gente começou a receber alunos com necessidades |
| 11 | especiais , né. Aí a gente tinha que fazer um trabalho diferenciado que atendesse a todas |
| 12 | as necessidades e aí o projeto ajuda bastante neste sentido, porque daí tu fazes o projeto |
| 13 | de acordo com a curiosidade do aluno e de acordo com a necessidade do aluno , tu faz |

14 primeiro todo um levantamento, que inclui a escuta ao aluno, é algo além do que, da
 15 pergunta “o que vocês gostariam de aprender”, é o “o que vocês gostariam de aprender”
 16 sim, mas aí tem toda uma análise em cima de quais são as necessidades desse grupo, né,
 17 quais são as habilidades que esse grupo precisa desenvolver, enfim, a gente faz muitas
 18 reuniões até chegar realmente ao projeto propriamente dito, cada professor a partir das suas
 19 observações em sala de aula vê quais são as necessidades. Então, **o projeto não é só um**
 20 **tema.**

Clara faz referência ao “painel de projetos” (Figura 5) e destaca que os projetos são realizados em todas as turmas (linhas 4-6). Também, aponta que o trabalho com projetos é uma prática pedagógica com anos de experiência na escola (linha 9). A necessidade de receber e atender bem aos alunos com necessidades especiais é a razão para o início de um trabalho diferenciado na Francisco Sérgio (linhas 10-13). Como analisado, principalmente na seção 3.1, a identificação do tema do projeto de aprendizagem se pauta pela escuta ao aluno, mas também pela identificação, por parte dos professores e coordenação, de certas necessidades e possibilidades de aprendizagem, enfim “o projeto não é só um tema” (linha 20).

c. Há planejamento para a realização de projetos?

Sim, o projeto de aprendizagem é planejado coletivamente de maneira contínua, conforme demonstrado na seção 3.1, em que analisei detidamente a participação no planejamento didático.

2. Nas aulas de Língua Portuguesa ou Língua Adicional:

a. O que se realiza como projetos de aprendizagem no que pode ser observado na prática de sala de aula?

b. As atividades em aula se relacionam ao planejamento e objetivos de ensino do projeto?

Sobre as aulas de Língua Adicional, não tenho dados suficientes para fazer considerações, pois foram apenas duas aulas de Inglês observadas. Na primeira aula, o grupo fez um exercício do livro didático acompanhado de uma tarefa proposta por Clara, ambas relacionadas à apresentação e descrição pessoal. Já na segunda aula observada, realizaram atividades relacionadas ao projeto com textos em português²².

As aulas de Língua Portuguesa eram organizadas pela realização do projeto de aprendizagem. As tarefas propostas por Clara estavam sempre relacionadas aos objetivos do projeto e ao desenvolvimento da leitura. A C34 estudou canções - “Até Quando” de Gabriel Pensador, “Pra não dizer que não falei das flores” de Geraldo Vandré e “Cálice” de

²² Em conversa com Clara, soube que o trabalho nas aulas de Inglês acompanhou os objetivos do projeto quando trabalharam com canções em inglês de artistas exilados, como Gilberto Gil e Caetano Veloso. Ao mesmo tempo, eram realizadas atividades com o estudo de recursos linguísticos, solicitadas pelos alunos com a ideia de “se preparar para o Ensino Médio”.

Chico Buarque -; poemas, como “Eu, etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade e “No caminho de Maiakovski” de Eduardo Alves da Costa; filmes, como “O ano em que meus pais saíram de férias” e “Zuzu Angel”. Além disso, a turma pôde desenvolver sua leitura poética e produzir “reescritas” ou paródias da canção Cálice²³. Com o forte trabalho conjunto do grupo de professores, o trabalho em Língua Portuguesa não se limitava somente à aula de Clara, que encaminhava atividades de leitura e produção escrita para serem realizadas em outras aulas. Um exemplo é a revisão do relatório do projeto: no período de Informática, a C34 escreveu um relatório do que aprendeu sobre o projeto para ser incluído num livro/pasta sobre o projeto²⁴ e foi Clara quem encaminhou um roteiro para revisão do texto (ver Anexo D). O trabalho de escrita do relatório também incluiu a avaliação dos textos por parte de Clara com sugestões para a reescrita e, assim, as orientações para a revisão foram dadas como uma etapa de finalização do texto.

Em síntese, o conjunto de respostas da investigação relatada aqui permitiu compreender que o planejamento didático do projeto “Ditadura: acabou” foi um trabalho coletivo e continuamente construído por toda a comunidade escolar e se pautou pela escuta ao aluno. Foram muitos os momentos e cenários para o planejamento didático, desde momentos formais de planejamento até propostas emergentes, e a participação neles era constantemente tornada relevantes pelos participantes. A maneira de participar do planejamento do projeto diz muito sobre como os participantes da Francisco Sérgio concebem educação: a escola é feita para e pelos alunos.

O fato de que “o que vamos aprender” foi algo coletivamente construído muda a maneira de participar em sala de aula: as atividades promovem a construção de conhecimentos significativos para os alunos por se situarem dentro de uma sequência de atividades e eventos relacionados pelo projeto de aprendizagem. Assim, o projeto de aprendizagem construído pelos participantes nesse contexto é o que proporciona as oportunidades de participação para construção de conhecimento.

Para alcançar os objetivos de aprendizagem, o projeto da C34 contou com eventos de participação pública. Participar do projeto “Ditadura: acabou?” envolveu buscar conhecimentos também fora da sala de aula e das referências “tradicionais” de conhecimento e compartilhar o que aprendeu com a comunidade.

Para além das respostas às perguntas de pesquisa expressamente formuladas, a investigação do trabalho com projetos na Escola Francisco Sérgio me mostrou como é

²³ Recortes do trabalho dos alunos da C34 com a canção Cálice foram expostos na sala ambiente da exposição “Ditadura: acabou?”. Algumas fotos dos trabalhos estão no Apêndice E.

²⁴ Ao final de minhas observações, a ideia de fazer um livro que contasse a história do projeto foi proposta por Clara à turma. Não pude acompanhar a construção desse livro após o término do trabalho de campo.

possível fazer uma escola diferente. Acredito que, com esse estudo, professores em formação poderão conhecer um pouco dessa comunidade escolar e encontrar um exemplo de sucesso na prática de uma proposta educacional que privilegia a escuta ao aluno e que age coletivamente para fazer “uma escola para todos, uma escola para cada um”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abeledo, M. de la O. L. (2008). *Uma compreensão etnometodológica da aprendizagem de língua estrangeira na fala-em-interação de sala de aula*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Almeida, A. do N. (2009). *A construção de masculinidades na fala-em-interação em cenários escolares*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Barbosa, M. C. S. (2004). Por que voltamos a falar e a trabalhar com pedagogias de projetos?. *Projeto – Revista de Educação: projetos de trabalho*, 3(4), 8-13.
- Conceição, L. E. (2008). *Estruturas de participação e construção conjunta de conhecimento na fala-em-interação de sala de aula de Língua Inglesa em uma escola pública municipal de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Erickson, F. (1990). Qualitative methods. In R. L. Linn & F. Erickson (Orgs.), *Quantitative methods; Qualitative Methods, Vol. 2* (pp. 76-200). New York: Macmillan.
- Garcez, P. M. (2006). A organização da fala-em-interação na sala de aula: controle social, reprodução de conhecimento, construção conjunta de conhecimento. *Calidoscópico*, 4, 66-80. (Disponível em http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/Publicacoes/Calid_v4_n1/art07_garcez.pdf)
- Garcez, P. M. (2012). A fala-em-interação de sala de aula: controle social, reprodução, construção conjunta. In P. C. Guedes (Org.), *Educação linguística e cidadania* (pp. 87-121). Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Garcez, P. M., Frank, I., & Kanitz, A. (2012). Interação social e etnografia: sistematização do conceito de construção conjunta de conhecimento na fala-em-interação de sala de aula. *Calidoscópico*, 10(2), 211-224. (Disponível em <http://www.unisinos.br/revistas/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2012.102.08/986>).
- Garcez, P. M., & Melo, P. (2007). Construindo o melhor momento para tomar o turno na fala-em-interação de sala de aula na escola pública cidadã de Porto Alegre. *Polifonia*, 13, 1-21. (disponível em <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/138.pdf>)
- Garcez, P. M., & Schulz, L. (Em preparação). Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. Submetido à revista *DELTA*.

- Goodwin, M. H. (2000). Participation. *Journal of Linguistic Anthropology*, 9(1), 173-176. (disponível em http://www.sscnet.ucla.edu/anthro/faculty/goodwin/jlin_1999_Participation.pdf)
- Hernández, F., & Ventura, M. (1998). *A organização do currículo por projetos de trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio*. Porto Alegre: ARTMED.
- Hewitt, J. (2004). An exploration of community in a knowledge forum classroom: an activity system analysis. In S. Barab, R. Kling & J. H. Gray (Ed.), *Designing virtual communities in the service of learning* (pp. 210–238). Cambridge: Cambridge University Press.
- Jones, R., & Thornborrow J. (2004). Floors, talk and the organization of classroom activities. *Language in Society*, 33, 399–423.
- Melo, P. (2006). *A Tomada de Turnos e o Controle Social na Fala-em-Interação de Sala de Aula: práticas diferenciadas organizam diferentes instituições escolares*. Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Moll, J. (2000). *Histórias de Vida, Histórias de Escola: elementos para uma pedagogia da cidade*. Petrópolis: Vozes.
- Persch, M. I., Pacheco, S. M., & Monteiro, M. R. (Orgs.). (2006). *Uma Escola para todos, uma Escola para cada um*. Série Escola Faz, Vol. 2. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação.
- Reis, C. A. G. (2008). *Sobreposições de fala, participação e construção de aprendizagem na fala-em-interação de sala de aula de uma escola pública municipal Porto Alegre*. Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Schlatter, M., & Garcez, P. M. (2009). Línguas adicionais - Espanhol e Inglês. In Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, *Referenciais curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias* (Vol. 1, pp. 127-172). Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico.
- Schlatter, M., & Garcez, P. M. (2012). *Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em Inglês*. Série Entre Nós. Erechim: Edelbra.
- Schulz, L. (2004). *A construção da participação na fala-em-interação de sala de aula: a tomada do turno pelo aluno*. Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- Schulz, L. (2007). *A construção da participação na fala-em-interação de sala de aula: um estudo microetnográfico sobre a participação em uma escola municipal de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Simões, L. J., Ramos, J. W, Marchi, D., & Filipouski, A. M. (2012). *Leitura e autoria: planejamento em língua portuguesa e literatura*. Série Entre Nós. Erechim: Edelbra.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Quadro sinótico da geração de dados

Geração de dados na Escola Francisco Sérgio – Fabíola Stein	
NEGOCIAÇÃO DE ENTRADA	
17/03 – SEGUNDA-FEIRA	20/03 – QUINTA-FEIRA
Primeiro contato: ligação telefônica para a escola, conversa com Mônica explicando os objetivos da pesquisa. Mônica entrará em contato quando houver conversado com uma professora de língua.	Mônica me liga dizendo que a professora Michele, de Espanhol e Português, estaria disposta a participar da pesquisa. Combino uma visita à escola.
27/03 – QUINTA-FEIRA	02/04 – QUARTA-FEIRA
Visita à escola. Conversa com Prof. ^a Michele que me conta que começou a trabalhar na escola há pouco tempo e que não tem intimidade com o trabalho com projetos. Converso com Mônica sobre a possibilidade de fazer a pesquisa com uma professora mais experiente. Combino de voltar na semana seguinte no horário de planejamento da Prof. ^a Clara.	Conversa e acerto com a Prof. ^a Clara, de Inglês e Português, sobre a realização da pesquisa na turma C34. Combinamos que eu faria uma observação inicial no dia seguinte. Já levo o ofício da escola que permite a realização da pesquisa e que deve ser entregue junto com a carta de participação na Secretaria Municipal de Educação.
OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	
1ª SEMANA	
03/04 – QUINTA-FEIRA – AULA DE INGLÊS	03/04 – QUINTA-FEIRA – REUNIÃO PEDAGÓGICA
Aula não diretamente relacionada ao projeto em desenvolvimento na turma. Exercícios com o verbo “to be”.	Reunião com avisos gerais e reunião sobre as turmas de C20. Mônica apresenta a construção de um projeto na C20.
2ª SEMANA	
06/04 – DOMINGO – IDA AO TEATRO – PEÇA “BAILEI NA CURVA”.	08/04/2014 – TERÇA-FEIRA – AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA
Acompanho a ida das turmas de C30 ao Araújo Viana para assistir à peça “Bailei na curva”, relacionada ao projeto em desenvolvimento na turma.	Conversa no início da aula sobre a visita, no sábado letivo, de um grupo de indígenas – explicação de Clara sobre a influência das línguas indígenas na Língua Portuguesa. Discussão sobre a ida ao teatro, leitura de trecho do texto dramático. Trabalho com recortes de reportagem que mostram a “ditadura” na atualidade e comentários críticos.
2ª SEMANA	
10/04 – QUINTA-FEIRA – AULA DE INGLÊS	10/04 – QUINTA-FEIRA – REUNIÃO PEDAGÓGICA
Entrega de quadro esquemático sobre o projeto “Ditadura: acabou?” Esquema “a ditadura em minha vida” com “eu” no centro. Trabalho de releitura da música “Cálice”, cada aluno faz sua versão.	Acertos sobre o sábado letivo, páscoa, cartazes sobre projetos e indicadores de aprendizagem.
3ª SEMANA	
17/04 – QUINTA-FEIRA – AULA DE PORTUGUÊS	24/04 – QUINTA-FEIRA – AULA DE PORTUGUÊS
Na terça-feira desta semana, fizeram uma visita à Escola São João para conhecer uma exposição feita por alunos sobre o golpe militar e a tortura na época da ditadura. Clara entrega as releituras de Cálice corrigidas para fazer a reescrita. Trabalho no final da aula com o poema que apareceu na exposição, “No caminho com Maiakóvski”.	Nesta semana, viram o filme “Zuzu Angel”, trabalho de interpretação do filme para entregar para Clara. Clara entrega um cronograma da próxima semana com o planejamento de atividades relacionadas ao projeto. Trabalho avaliativo individual: poema “No caminho com Maiakóvski”, filme “Zuzu Angel” e peça “Bailei na curva”, interpretação canção “Cálice”.
4ª SEMANA	
5ª SEMANA	

24/04 – QUINTA-FEIRA – Reunião pedagógica	30/04 – QUARTA-FEIRA – Aula de Teatro
Na reunião conversam sobre as turmas de B30, por isso as professoras de C30, Clara, Eliana (Teatro), e Juliana (Filosofia), aproveitam para discutir o andamento do projeto das C30.	Clara dá aula junto com a professora de Teatro: ensaio para produção de um vídeo com trechos das releituras da música Cálice.
6ªSEMANA	
08/05 – QUINTA-FEIRA – Aula de Português	08/05 – QUINTA-FEIRA – Reunião Pedagógica
Seguem realizando um trabalho individual sobre o poema “Eu etiqueta” (relacionando ao tema ditadura). Completam individualmente uma tabela com “Pergunta feita no início do semestre”, “Resumo da resposta encontrada”, “De que forma cheguei a essa resposta?”	Reunião com a maioria dos professores de turma de C30 com as coordenadoras Mônica e Rafaela. Discussão sobre problemas da turma, fechamento do projeto e conselho de classe. Fica planejada uma exposição sobre a ditadura, que as outras turmas do terceiro ciclo visitarão.
6ªSEMANA	7ªSEMANA
08/05 – QUARTA-FEIRA – Entrevista “livre” com Clara	15/05 – QUINTA-FEIRA – Aula de Português
Clara relata como surgiu a ideia do projeto, fazemos uma linha do tempo. Também conta de problemas da comunidade e como isso aparece em sala de aula.	Apenas Clara não adere à greve de professores: organiza a turma em grupos (foi feita a eleição de grupos na terça-feira anterior, 12/05), leitura da seção “30 anos atrás” do jornal Zero Hora, comentar sobre as diretas, produzir carta aberta e cartazes para contribuir com o protesto dos professores.
8ªSEMANA (SEM OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE)	
21/05 – QUARTA-FEIRA – Palestra com professor da Escola Padre Reus	22/05 – QUINTA-FEIRA – Aula de Português - Trabalho com charges para linha do tempo da ditadura; montagem da exposição
23/05 – SEXTA-FEIRA – Exposição “Ditadura: acabou?”	24/05 – SÁBADO – Aniversário da escola e exposição “ditadura: acabou?” para comunidade
9ªSEMANA (OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE)	
27/05 – TERÇA-FEIRA – Conselho de classe participativo e conselho de classe de professores	29/05 – QUARTA-FEIRA – Aula de Português
07h30 – 9h: Conselho de classe participativo com os alunos. Até 12h: Conselho de classe de professores e avaliação, produção de pareceres, de cada aluno.	Clara entrega uma folha de orientações para revisar o relatório do projeto que está sendo escrito no horário de Informática. Preparam um suas releituras de “Cálice” para integrar um livro de relato do projeto: trabalho com desenhos e colagens ilustrativas.
ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	
26/05 – SEXTA-FEIRA – Entrevista semiestruturada com Clara	

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista semiestruturada

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Aluna: Fabíola Stein / Orientador: Pedro de Moraes Garcez

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PROFESSOR

1. Qual o teu entendimento sobre “projetos”?
 - 1.1. Como chegaste a esse entendimento?
 - 1.2. Há algum referencial teórico ou alguma influência externa para a escolha pelo trabalho com projetos e para formulação do entendimento sobre o que é esse trabalho?
2. O trabalho com projetos é assumido como uma proposta da escola como um todo?
 - 2.1. De que maneira a escola e/ou os professores se organizam ao elaborar os projetos?
 - 2.2. Há projetos interdisciplinares?
3. De que maneira a proposta pedagógica é levada para o dia-a-dia da sala de aula?
 - 3.1. A aula é “fazer projetos”? Qual o lugar que ocupam os projetos na aprendizagem?
4. Quais foram as propostas de ensino com que tiveste contato na tua formação inicial?
 - 4.1. Como e quando foi que tu “aprendeu a fazer projetos”?
 - 4.2. Como funciona a formação de professores novos na escola?

APÊNDICE C – Modelos de carta de apresentação e termo de consentimento utilizados



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
Instituto de Letras UFRGS – Sala 203 – Campus do Vale – Av.
Bento Gonçalves, 9500, Porto Alegre, RS – (51) 3308-7080



Joana, Diretora
Escola Francisco Sérgio
Endereço, Porto Alegre - RS

Porto Alegre, 02 de abril de 2014.

Prezada Profa. Joana,

Venho por meio desta apresentar-lhe a aluna **Fabíola Stein**, regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Letras desta Universidade e bolsista do Programa de Iniciação Científica UFRGS/CNPq. Como parte de suas atividades do curso, Fabíola irá desenvolver, sob minha orientação, uma monografia de conclusão, composta de reflexões sobre linguagem e ensino com base em pesquisa de campo. Para tanto, gostaríamos de contar com sua ajuda no sentido de franquear à aluna o acesso à sua instituição de ensino para que realize sua pesquisa.

A pesquisa baseia-se em observações de aulas e reuniões pedagógicas, entrevistas e coleta de documentos (como folhas e materiais utilizados em aula), totalizando cerca de 40 horas de trabalho na escola.

Agradeço desde já por sua colaboração ao recebê-la e coloco-me à disposição para esclarecimentos que por ventura se façam necessários.

Atenciosamente,

Pedro M. Garcez, Ph.D.
Professor Associado de Lingüística Aplicada, UFRGS
Pesquisador do CNPq



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 INSTITUTO DE LETRAS
 Instituto de Letras UFRGS – Sala 203 – Campus do Vale – Av.
 Bento Gonçalves, 9500, Porto Alegre, RS – (51) 3308-7080



TERMO DE CONSENTIMENTO

Porto Alegre, _____ de 2014.

Sou aluna do curso de Licenciatura em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e estudo o ensino de línguas na escola.

Através deste documento, solicito a sua participação na pesquisa de meu Trabalho de conclusão de curso (TCC), orientado pelo Prof. Pedro de Moraes Garcez. A pesquisa prevê observações de aulas e reuniões pedagógicas, entrevistas e coleta de documentos (como folhas e materiais utilizados em aula) na escola **Escola Francisco Sérgio**.

Este documento garante que: 1) as identidades dos participantes da pesquisa serão mantidas em caráter confidencial pelo uso de pseudônimos; 2) os dados não serão disponibilizados para qualquer propósito que não se encaixe nos termos da pesquisa; 3) as notas de campo serão estudadas somente pelos pesquisadores envolvidos no projeto e por outros pesquisadores interessados no tema; e 4) os registros feitos na escola serão divulgadas apenas em publicações científicas, apresentações acadêmicas e em salas de aula, para fins de estudo.

Teremos satisfação em providenciar quaisquer esclarecimentos adicionais que julgue necessários. A sua colaboração é muito importante, pois você estará contribuindo para a produção de conhecimento. Ao assinar o presente termo, você manifesta estar plenamente informado e consente em participar do estudo nas condições aqui expressas.

Agradecemos sua colaboração,

Fabíola Stein, estudante do curso de Letras UFRGS, responsável pelo projeto
 Pedro M. Garcez, Ph.D, professor do curso de Letras UFRGS, professor orientador

Data: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE D – Registros fotográficos da sala ambiente da exposição “Ditadura: acabou?”

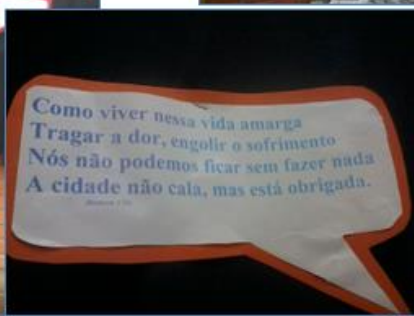


Porta de entrada da “sala ambiente” da Exposição “Ditadura: Acabou?” com cartazes e desenhos preparados para exposição.

Visão desde a entrada da sala – exposição de diversos trabalhos realizados ao longo do projeto



Linha do tempo do período da ditadura militar suspensa perto da parede à esquerda da porta.



Espaço reservado a recortes das produções dos alunos – “reescrita de Cálice de Chico Buarque”

APÊNDICE E – Reescritas da canção “Cálice” de Chico Buarque na exposição “Ditadura? acabou?”



ANEXOS

ANEXO A - Folha distribuída em reunião pedagógica de 03/04/2014.

O conceito de inclusão foi discutido, na reunião pedagógica, quando se estava resolvendo um impasse com a Secretaria Municipal de Educação sobre a criação de uma turma. A coordenadora Mônica, quando distribuiu a folha, disse que adicionou os princípios da escola ao final, “porque sempre é bom ter em vista”.

A concepção da inclusão

A inclusão é um processo complexo e permanente que envolve a escola e a comunidade. Exige a problematização das concepções de ensino e aprendizagem, currículo e avaliação e a disponibilidade para aprender novas formas de organização do contexto educativo, com vistas a possibilitar a permanência e a aprendizagem de todos os alunos na escola. Afirma a necessidade de pensar a escola a partir das diferenças e de seu potencial para a promoção da Escola pública de qualidade para todos.

Pressupostos da docência Compartilhada

1. incluir todos os alunos da turma de progressão, com algum tipo de necessidade educativa especial em turmas regulares
2. garantir a entrada de, no mínimo, dois professores, articulando a docência compartilhada em sala de aula;
3. organizar um maior espaço de planejamento com o coletivo de professores dessa turma
4. parceria com a SMED através do acompanhamento do trabalho pela assessoria técnico-pedagógica, principalmente da Educação Especial;
5. potencializar o projeto pedagógico - temas de interesse e necessidade social dos alunos;
6. garantia de estagiário para apoiar o trabalho junto aos alunos, priorizando aqueles com necessidades educativas especiais;
7. flexibilizar os agrupamentos de alunos para além da lógica das turmas;
8. organizar os tempos e espaços de acordo com as diferentes necessidades oriundas dos projetos e das características dos alunos;

Apresenta-se como uma alternativa frente à práticas homogeneizadoras e produtoras de fracasso, modifica relações de poder, de autoris e a concepção de aprendizagem.

Princípios da FS

1. Todos os alunos podem aprender.
2. Todos os alunos devem permanecer na escola.
3. Diferença não é deficiência.
4. O trabalho em grupo qualifica a aprendizagem.
5. Aprendizagem e “disciplina” não são aspectos excludentes, mas ocupam espaços diferentes.

ANEXO B – Quadro de planejamento das turmas C33 e C34

TURMA: C33 PROJETO A DITADURA EM NOSSAS VILHAS		
O QUE SEI?	O QUE GOSTARIA DE APRENDER?	O QUE PRECISO FAZER PARA APRENDER?
<ul style="list-style-type: none"> ⇒ Classe alta que quer mandar em quem tem menos poder. ⇒ Quem não apoia os militares é torturado e morto. ⇒ Eles torturavam as famílias para confessarem. ⇒ Eles torturavam os comunistas. ⇒ Comunista é quem é contra a Ditadura e quer mudar. ⇒ Os comunistas lutavam por seus direitos antes da Ditadura. ⇒ Os EUA criaram a Ditadura porque o Brasil estava devendo muito dinheiro para eles. 	<ul style="list-style-type: none"> ⇒ O que realmente o Regime Militar queria com a Ditadura? ⇒ Como os militares descobriam quem era comunista? ⇒ O que é Comunismo? ⇒ Será que a vida da população melhorou com a Ditadura? ⇒ Será que faltou só coragem para o povo se unir aos comunistas contra a Ditadura? ⇒ Como o Brasil adquiriu essa dívida com os EUA? ⇒ Como acabou a Ditadura? ⇒ Como ficou o Brasil logo depois da Ditadura? ⇒ Quais os reflexos da Ditadura no Brasil atual? 	<ul style="list-style-type: none"> ⇒ Estudar ⇒ Prestar atenção nas aulas ⇒ Não faltar ⇒ Pesquisar na internet e livros ⇒ Visitar o Museu Julio de Castilho ⇒ Entrevistar pessoas que viveram na Ditadura ⇒ Trabalhar em grupo ⇒ Trabalhar com músicas, filmes e notícias ⇒ Pesquisar em arquivos públicos ⇒ Compor música
TURMA: C34 PROJETO DITADURA: A BAROTE?		
O QUE SEI?	O QUE GOSTARIA DE APRENDER?	O QUE PRECISO FAZER PARA APRENDER?
<ul style="list-style-type: none"> ⇒ A Ditadura aconteceu no Brasil e está fazendo 50 anos. ⇒ Muitas pessoas foram torturadas e mortas. ⇒ Os militares estavam cansados dos políticos corruptos. ⇒ O Brasil estava muito desorganizado (falta de saúde e segurança). ⇒ A Ditadura só era ruim para os comunistas. ⇒ Os comunistas eram contra o exército. ⇒ Não havia liberdade de expressão ⇒ Os militares queriam benefícios só para eles. ⇒ Até hoje existe alguma censur 	<ul style="list-style-type: none"> ⇒ Por que o povo se revoltou com os militares? ⇒ O que é ser comunista? ⇒ Por que tiraram a liberdade de expressão das pessoas? ⇒ Como pode o governo mandar numa pessoa? ⇒ O que teve de positivo e negativo na Ditadura? ⇒ A Ditadura resolveu, na época, os problemas sociais? ⇒ O que é "ser de direita" e "de esquerda"? ⇒ Por que até hoje existem algumas censuras? ⇒ A mídia se submeteu a Ditadura? 	<ul style="list-style-type: none"> ⇒ Pesquisa na internet, livros e jornais. ⇒ Filmes. ⇒ Teatro ⇒ Notícias na TV ⇒ Palestras ⇒ Visita a alguma exposição sobre o tema ⇒ Visita a Câmara de Vereadores ⇒ Visita ao arquivo Público

ANEXO C – Poema de “Bailei na curva”

Meu amigo Pedro era uma pedra na vida deles
 Como um pedaço solto de coragem
 Nem bem crescido ainda
 Saiu, lutou e morreu
 Morreu assim como um corpo arreventado
 Esticado, dividido
 Morreu como um afogado, agonizando, torturado
 Morreu como seu pai, desaparecido
 Mas ninguém esperava que ele fosse re-viver
 Ninguém esperava que ele fosse mais que aquele monte de carne e osso
 Que sobrou depois de dois dias nas salas escuras
 Depois de dois dias de choques, água fria, paulada, perguntas
 Ninguém esperava que Pedro fosse de pedra
 Que pedra pode estar parada, inerte
 Mas pode ser pedra no ar, arremesso, tiro, vidro estilhaçado
 Que pedra pode ser raiva na multidão
 Pode ser fogo, fome, febre
 Pedra pode ser mais
 Que carne é mais que pedra
 E Pedro é mais que carne
 Que não adianta represar os rios se não se pode parar a chuva
 Ninguém esperava que seus amigos, irmãos, todos
 Todos soubessem de tudo
 Mas que ninguém podia fazer nada
 Que a diferença entre Pedro e nós

 É a mesma de um assaltante de bancos e um batedor de carteiras
 Mas o tempo é o melhor dos remédios
 E o tempo tudo cura
 Mesmo as feridas deixadas por Pedro
 Menos as que em seu corpo permaneceram
 Depois que ele ficou ali num canto da sala, agonizando
 Enquanto seus algozes riam e tomavam café
 Mas o que eu quero dizer
 É que ninguém esperava que eu- justamente eu - filha da mesma noite
 Contasse essa história

FONTE: “Bailei na curva” de Julio Conte

ANEXO D – Roteiro elaborada pela professora Clara para reescrita de relatório sobre o projeto “Ditadura: acabou?”

Reescrita dos relatórios sobre o projeto “A ditadura acabou?”, da C31 e C32

*Aqui estão algumas **dicas** para melhorar a escrita dos relatórios de vocês!

1- Usar letra maiúscula inicial

a) Em nomes próprios: Nomes de pessoas e de lugares.

Ex. - Tivemos uma palestra com o professor **Ildo** da escola **Padre Réus**.

b) Na primeira palavra dos títulos (de filmes, de músicas, de projetos, de textos, de livros)

Ex. - Durante o projeto “**A ditadura acabou?**”, lemos o livro “**Bailei na curva**”, de Júlio Conte e fizemos releituras da música “**Cálice**”, de Chico Buarque de Holanda.

c) Em início de qualquer frase

2- Uso de “aspas”

a) Sempre que for citado um trecho de fala de alguém (real ou fictício)

Ex. - Eles entraram e disseram “**Nossa! Que show que ficou a exposição!**”

b) Sempre que for citado um título (de música, de filme, de livro, de projeto, de jornal, de peça de teatro etc.)

Ex. - Gostamos mais da música “**Pra não dizer que não falei das flores**”, de Geraldo Vandré.

- Fomos ver a exposição “**Ditadura nunca mais**”, no colégio Padre Réus.

- Lemos o livro “**Bailei na curva**”, de Júlio Conte, e depois assistimos à peça de mesmo nome.

3- Pontuação (Ponto)

//- Ponto. Nova linha. Parágrafo.

/- Ponto. Iniciar nova frase, na mesma linha, com letra maiúscula.

*Procurem fazer frases mais curtas. Usem mais pontos dentro dos parágrafos.

3.1- Pontuação (Virgulas)

* Use vírgulas para separar as enumerações

Ex. - Fizemos releituras das músicas “**Cálice**”, de **Chico Buarque de Holanda**, “**Até quando**”, de **Gabriel o Pensador** e “**Pra não dizer que não falei das flores**”, de **Geraldo Vandré**.

- Nós fizemos um projeto envolvendo as disciplinas de **História, Filosofia, Português, Inglês e Teatro**.

4- Conclusão

Para finalizar o texto (relatório), é necessário um parágrafo de conclusão, de fechamento.

Nele, você vai fazer as considerações finais, mostrando a sua visão sobre a importância do projeto para os alunos.

É um parágrafo que mostra que o relatório terminou.